



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI POETA PINTO DE MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS - CCHE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MONYSE RAFAELLE ARAÚJO SILVA

**A BRINQUEDOTECA NO AMBIENTE ESCOLAR COMO ESPAÇO
MEDIADOR DE APRENDIZAGENS**

MONTEIRO-PB

2015

MONYSE RAFAELLE ARAÚJO SILVA

**A BRINQUEDOTECA NO AMBIENTE ESCOLAR COMO ESPAÇO
MEDIADOR DE APRENDIZAGENS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito
parcial para a obtenção do título de licenciado em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Nefatalin Gonçalves Neto

MONTEIRO-PB

2015

S586b Silva, Monyse Rafaelle Araújo
A brinquedoteca no ambiente escolar como espaço mediador
de aprendizagens [manuscrito] / Monyse Rafaelle Araújo Silva. -
2015.
60 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em PRIMEIRA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DO PARFOR EAD) -
Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio,
Técnico e Educação à Distância, 2015.

"Orientação: Prof. Ms. Nefatalin Gonçalves Neto, PROEAD".

1. Educação infantil. 2. Brinquedoteca. 3. Aprendizagem. I.
Título.

21. ed. CDD 372.24

MONYSE RAFAELLE ARAÚJO SILVA

A BRINQUEDOTECA NO AMBIENTE ESCOLAR COMO ESPAÇO MEDIADOR DE APRENDIZAGENS

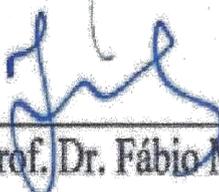
Trabalho de conclusão de curso apresentado como pré-requisito para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do programa CAPES/PARFOR da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB – Campus VI Monteiro-PB.

Aprovada em 24 de julho de 2015

EXAMINADORES



Orientador(a): Prof. Me. Nefatalin Gonçalves Neto



Examinador(a): Prof. Dr. Fábio Marques de Souza



Examinador(a): Profa. Me. Lilian Barbosa

Dedico este trabalho aos inesquecíveis *Lázaro* e *Maria do Carmo*, meus amados avós, que me mostraram que o brincar é uma atividade importante para o desenvolvimento, aprendizagem e felicidade da criança. Mesmo com as limitações da idade, sempre brincavam com os ‘netos queridos’, proporcionando uma infância sem comparação. Eu sempre amarei vocês!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre me iluminar e me guiar... *“O Senhor é minha força e o meu escudo; Nele o meu coração confia e Dele recebo ajuda” Sl 28, 07.*

À mulher mais amada, especial e única em minha vida, aquela que me deu a vida, educação e exemplo a seguir, minha mamãe, que brinda comigo esta grande vitória.

Ao meu esposo e grande amor, Hélder, que sempre me estimula a crescer profissional e pessoalmente. Por sua paciência, seu amor, por sempre estar disposto a me ajudar em qualquer situação e principalmente pelo seu apoio que me conforta e me deixa mais forte para superar os desafios.

Ao meu irmão Eduardo, que mesmo ausente, torce pelo meu sucesso.

Ao meu querido sobrinho Carlos Eduardo, a quem tanto amo, que mesmo ainda sem entender esta fase em que me encontro, é muito importante na minha vida e no meu caminhar.

Agradeço as amigas que conquistei durante estes três anos, em especial a Daniele e Margarida, elas que me apoiaram e que estiveram comigo em todos os momentos, de alegrias e de tristezas.

Se for para falar de amizade, o nome dela tem um espaço reservado. Enézia (Néa), agradeço pelo afeto, companheirismo, cumplicidade e principalmente sua alegria com aquelas gargalhadas que sempre me alegraram nos momentos de desânimo. Nossa história não acaba aqui...

A todos os professores do Curso de Pedagogia – PARFOR, que muito colaboraram com a minha formação, em especial ao meu orientador, Professor Nefatalin, que com dedicação e paciência me orientou durante todo o processo de elaboração deste trabalho, me incentivando e acreditando no meu potencial, fazendo assim com que eu me sentisse capaz de realizá-lo.

A todos que sabem da minha felicidade em concluir o Curso de Pedagogia, em poder trabalhar em prol das crianças, meu foco profissional e desejo maior.

Um beijo no coração!

"Para Sara, Raquel, Lia e para todas as crianças"

Eu queria uma escola que cultivasse a curiosidade de aprender que é em vocês natural.

Eu queria uma escola que educasse seu corpo e seus movimentos: que possibilitasse seu crescimento físico e sadio. Normal

Eu queria uma escola que lhes ensinasse tudo sobre a natureza, o ar, a matéria, as plantas, os animais, seu próprio corpo. Deus.

Mas que ensinasse primeiro pela observação, pela descoberta, pela experimentação.

E que dessas coisas lhes ensinasse não só o conhecer, como também a aceitar, a amar e preservar.

Eu queria uma escola que lhes ensinasse tudo sobre a nossa história e a nossa terra de uma maneira viva e atraente.

Eu queria uma escola que lhes ensinasse a usarem bem a nossa língua, a pensarem e a se expressarem com clareza.

Eu queria uma escola que lhes ensinassem a pensar, a raciocinar, a procurar soluções.

Eu queria uma escola que desde cedo usasse materiais concretos para que vocês pudessem ir formando corretamente os

conceitos matemáticos, os conceitos de números, as operações... pedrinhas... só porcariinhas!... fazendo vocês aprenderem brincando...

Oh! meu Deus!

Deus que livre vocês de uma escola em que tenham que copiar pontos.

Deus que livre vocês de decorar sem entender, nomes, datas, fatos...

Deus que livre vocês de aceitarem conhecimentos "prontos", mediocrementemente embalados nos livros didáticos descartáveis.

Deus que livre vocês de ficarem passivos, ouvindo e repetindo, repetindo, repetindo...

Eu também queria uma escola que ensinasse a conviver, a cooperar, a respeitar, a esperar, a saber viver em comunidade, em união.

Que vocês aprendessem a transformar e criar.

Que lhes desse múltiplos meios de vocês expressarem cada sentimento, cada drama, cada emoção.

Ah! E antes que eu me esqueça: Deus que livre vocês de um professor incompetente.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo, qualitativa, com o propósito de analisar a importância da brinquedoteca no ambiente escolar como espaço mediador de aprendizagens, sob o ponto de vista dos professores de uma escola municipal. Sabemos que a brinquedoteca é considerada fundamental para o desenvolvimento da criança no âmbito educacional, pois de forma lúdica, o professor consegue inovar sua prática pedagógica, atraindo seus alunos ao conhecimento, possibilitando inúmeras vivências e experiências que desenvolvam as suas potencialidades. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se questionário composto de sete questões abertas. Participaram desta pesquisa dez professoras da referida instituição, com formação superior. Após esta fase, o resultado apontou que o grupo pesquisado conhece a importância da brinquedoteca para mediar aprendizagens no meio educacional, porém, apresentaram um pensamento diferenciado quanto à função lúdica da brinquedoteca na escola. Concluímos ser necessário este trabalho a fim de aproximar o docente deste ambiente dito tão importante para o processo de ensino-aprendizagem, mas ainda pouco adotado.

Palavras-chave: Brinquedoteca. Lúdico. Aprendizagem. Escola.

ABSTRACT

This study, characterized as a qualitative field study, intends to analyze the importance of a playroom (brinquedoteca in Brazilian Portuguese) in the school environment as a mediator space for learning, according to the opinions of the teachers at a municipal school. It is known that a playroom is considered fundamental for the child's development in the educational field, because it enables the teacher to innovate his or her pedagogical practice, to attract the students to the knowledge, and to give innumerable experiences that develop their potentials. The study used a questionnaire compound of seven open-ended questions to gather information. Ten female teachers from the school mentioned above, all with university degree, participated in the study. The results of the questionnaires point out that the group of teachers knows the importance of the playroom as a space to mediate learning processes, but they present differentiated ideas about the playful function of the school's playroom. We conclude that it is necessary approximate the teachers to this space that is so important for the teaching-learning process, but still not fully used.

Key-words: Playroom. Playfulness. Learning. School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GESTÃO	11
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	11
2.2 A GESTÃO EDUCACIONAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR	18
2.3 FORMAÇÃO CONTINUADA: é aprendendo que se ensina melhor	20
2.4 O PLANEJAMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR	21
2.5 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: uma construção coletiva	22
2.6 RELAÇÃO ESCOLA X COMUNIDADE: uma aproximação necessária	23
3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL	24
3.1 A FEMINIZAÇÃO NA DOCÊNCIA	25
3.2 O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: aprender brincando	26
3.3 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NUTRICIONAL NA INFÂNCIA	26
3.4 ORGANIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR	27
4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENSINO FUNDAMENTAL	33
4.1 O LÚDICO E A BRINCADEIRA	33
4.2 OS JOGOS E A EDUCAÇÃO	34
4.3 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA INSTITUIÇÃO	36
5 BRINQUEDOTECA: parte da escola essencial para o processo de ensino-aprendizagem	43
5.1 BREVE HISTÓRIA SOBRE A BRINQUEDOTECA	43
5.2 A BRINQUEDOTECA E O LÚDICO: peças principais para a aquisição de conhecimento	44
5.3 A BRINQUEDOTECA DO CAMPO DE ESTÁGIO	47
5.4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	48
5.5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADO	49
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

O brincar é uma das atividades mais desejadas pelo ser humano. É buscado por todas as faixas etárias, desde no interior da barriga da genitora, a criança já manifesta prazer no momento lúdico, com conversas, risadas, ao ouvir músicas e na medida em que o ser humano se desenvolve, sempre há um espaço reservado para a ludicidade.

O brincar infantil é tão importante que se tornou um direito da criança adquirido por lei. Dentre as leis que apresentam a essencialidade do brincar, citamos a Declaração Universal dos Direitos das Crianças, aprovada em 1959 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em seu princípio 7, que enfatiza que: “a criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito” (BRASIL, 1959).

Nesse sentido, voltamos nossas palavras para a brinquedoteca escolar, local propício para desenvolver atividades lúdicas na escola, colaborando com a aquisição de conhecimentos em todas as áreas, auxiliando a criança não só a aprender, como também a desenvolver-se mutuamente, expressar-se e favorecer ao trabalho em grupo com as demais crianças, estimulando e ensinando aos discentes a jogar e competir.

Esse trabalho foi idealizado a partir da minha vivência na Escola Campo de Estágio, por possuir este rico espaço e não ser explorado. Durante o três anos que me encontro lotada na Instituição, são poucas as vezes que presenciei uma professora utilizar os materiais ali presentes em momentos de aprendizagem. O meu interesse em trabalhar o lúdico foi aguçado no momento do Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental, em que trabalhei apenas com atividades lúdicas e percebi o quão gratificante foram os resultados e a participação dos alunos.

Embora o brincar seja um direito da criança, ainda tem muito que ser explorado, partindo principalmente dos docentes, que se enganam ao pensar que o lúdico é exclusivo para salas de Creche e Educação Infantil.

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta o Estágio Supervisionado I, em Gestão Escolar, o segundo capítulo, o Estágio Supervisionado II, em Educação Infantil, o terceiro capítulo, retrata o que foi vivenciado no Estágio Supervisionado III, em Ensino Fundamental e no quarto capítulo, discutimos sobre o tema idealizado, apontando a importância do lúdico para a aprendizagem e desenvolvimento da criança, utilizando para estes fins as bibliografias de Rodrigues (1999), Piaget (1967), Santos (1995), Cunha (2001), dentre outros.

2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GESTÃO

Versar sobre o aspecto da Gestão, que se constitui como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem proporciona a consolidação entre a teoria trabalhada na sala de aula, sob orientação do professor e a prática, supervisionada pelo gestor, supervisor ou professor responsável.

O estágio que nos permitiu tal abordagem prática foi realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Monteiro Lobato¹, localizada na Avenida Santos Dumont, nº200, centro da cidade de Guarabira - PB, seguindo as seguintes etapas: leitura da coletânea fornecida pela Universidade, embasamento teórico, visita à escola, conhecimento e análise da realidade escolar, observação dos trabalhos da gestão e supervisão, entrevista e, por fim, a elaboração deste texto, que muito contribuiu para interação com o meio, não desconhecido, mas analisado com outros olhos.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Monteiro Lobato, foi fundada em 25 de fevereiro de 1994, e funcionava em um prédio localizado na Rua Vinícius de Moraes, 245, mas atualmente é localizada em prédio próprio.

A instituição surgiu com o propósito de aglutinar todas as escolas municipais da zona urbana da época, como: Escola Municipal Olavo Bilac², Grupo Municipal Josefa Ribeiro, Grupo Escolar do Nordeste, Escola Municipal Castelo Branco, Grupo Escolar Prof^a Maria do Carmo de Araújo e Escola Municipal João Paulo II.

A primeira diretora foi a Sra. Rita de Fátima Quintans, sendo substituída na gestão do prefeito Sidnei Falcão, no ano de 1997, pela professora Júlia Martins Ferreira, que administrou durante 08 (oito) anos. Após a mudança da Lei de Diretrizes e Bases - LDB, quando propõe a municipalização das escolas, as escolas municipais da zona rural funcionavam com Ensino Fundamental II foram extintas, com o crescimento da procura por vagas, criou-se uma nova escola que passou a atender apenas alunos do Ensino Fundamental II, a Escola Municipal Emília Santiago, ocorrendo o desmembramento desta entidade, que foi

¹ Nome de escola fictício

² Escolas fictícias

transferida para o prédio do antigo Grupo Escolar José Ferreira Dantas, onde se encontra localizada atualmente a escola observada.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, aos municípios competem oferecer ensino de qualidade nas modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Assim, devido tal definição, a Escola encontra-se com salas superlotadas, ponto este negativo, pois muitos problemas são oriundos desta superlotação, tais como: dificuldades de aprendizagem, a região por apresentar um clima quente e seco e o elevado número de discentes, fazem com que os alunos fiquem inquietos, causando desordem, indisciplina, sendo prejudicados com as consequências das doenças, poluições visual, sonora e do ar.

A instituição trabalha com os níveis de Educação Infantil e Ensino Fundamental das Séries Iniciais, organizado em ciclos. Possui quatrocentos e trinta e sete alunos distribuídos nos turnos matutino e vespertino, sendo cento e sete na Educação Infantil e trezentos e trinta no Ensino Fundamental. A faixa etária varia de 04 a 14 anos de idade no Ensino Fundamental, com algumas distorções idade x série, não oferecendo aulas no período noturno pelo fato da não oferta da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Quanto ao horário de funcionamento, encontra-se regulamentado das 07h às 11h e das 13h às 17h para a Educação Infantil e das 07:15h às 11:15h e das 13:15h às 17:15h para o Ensino Fundamental.

A escola conta com onze crianças que possuem algum tipo de deficiência ou transtorno global, mas que, em momento algum durante as observações, notamos qualquer tipo de exclusão/preconceito na integração desses alunos tanto na sala de aula regular como nas diversas atividades que a escola desenvolve e/ou participa. Essa integração surgiu na década de 70, com o princípio de normatização, que significa oferecer ao deficiente as mesmas condições que são oferecidas para as outras pessoas (GOFFREDO, 2007). A partir desse tempo, torna-se obrigatório possibilitar a integração do deficiente à comunidade da qual durante muito tempo ele fora excluído.

Segundo Craidy e Kaercher (2001, p. 45), “o espaço físico é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida em que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais”. Nessa ideia, podemos perceber que a escola encontra-se em um bom estado de conservação, com o ambiente sempre limpo, bem como as mesas, cadeiras, quadros, paredes, banheiros e o pátio bem conservados. Contudo, mesmo diante do mobiliário e espaços físicos essenciais para oferecer uma educação de qualidade aos alunos, como já foi mencionado, o fator da superlotação das salas é o que ainda dificulta o bom desenvolvimento das crianças.

O espaço externo não possui parque, sendo outro problema, pois os alunos durante o intervalo não possuem brinquedos para haver o entretenimento. Kishimoto (1997, p. 110) também defende a importância da brincadeira. Para a autora, o ato de brincar é um mergulho no lúdico, ou até mesmo um lúdico em ação. Por meio deste ato, a criança explora o mundo e suas possibilidades, e se insere nele, de maneira espontânea e divertida, desenvolvendo assim, suas capacidades cognitivas, motoras e afetivas.

O espaço escolar é composto por com hall de entrada, sete salas de aula, sala dos professores, um espaço único destinado à diretoria e secretaria, cinco banheiros, sendo um para uso dos funcionários e quatro para uso dos alunos, dispensa, almoxarifado, laboratório de informática, sala de vídeo, brinquedoteca e o pátio coberto que é utilizado para comemorações internas, reuniões com pais, recreio, exposições de trabalhos em culminâncias dos projetos desenvolvidos. As salas de aulas são bem conservadas, iluminadas com lâmpadas fluorescentes e ventiladas por ventiladores. São compostas por mesinhas com cadeiras em bons estados e em número suficiente para todos os alunos. Por fim, a referida entidade não dispõe de biblioteca, possui apenas na sala de vídeo, um pequeno acervo de livros, dificultando assim o acesso dos alunos à descoberta da leitura, às pesquisas e aos estudos.

Levando em consideração este fato Semão, Schercher, Neves (1993) *apud* Perucchi (1999), menciona que “a biblioteca escolar precisa ser ativada a fim de que possa atrair, além dos professores, os pais, os alunos, enfim, toda a comunidade à qual a escola está vinculada”.

A sala dos professores existente não comporta todos os docentes e a equipe pedagógica durante a realização dos planejamentos semanais. Com isso, tais atividades são realizadas em uma sala de aula. Devido o grande fluxo de alunos, a referida escola necessita que duas turmas se desloquem para outro prédio escolar, a Escola Municipal Emília Santiago, sendo este outro grande problema identificado, a falta de espaço para suportar o elevado número de crianças matriculadas.

Os equipamentos tecnológicos eletro-eletrônicos disponibilizados aos alunos da escola são duas TVs, um DVD, dois aparelhos de som, duas caixas amplificadas, um projetor de multimídia (datashow), duas câmeras fotográficas digitais, duas impressoras, sendo uma multifuncional e uma laser, dez computadores desktop com internet e vinte e três computadores portáteis (*netbooks*) doados pelo Governo através do Programa Linux Educacional que, conectados ao Wi-fi (rede sem fio) da escola, proporcionam aos alunos a comodidade de acessarem dentro das salas de aulas. Vale salientar que todos os aparelhos encontram-se em boas condições de uso.

A escola dispõe de materiais didáticos armazenados e comprados com recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola - PDDE, para suprir tanto as necessidades dos alunos quanto dos professores. Os materiais são: lápis grafite, borracha, lapiseira, caneta, caderno, lápis de pintar, giz de cera, tesoura, cola, pincel, tinta guache, régua, papel camurça, cartolinas, papel madeira, papel 40, papel laminado, *stencil* e folhas de papel pautado.

Segundo Veiga (2002, p. 07), “o tempo é um dos elementos constitutivos da organização do trabalho pedagógico. O calendário escolar ordena o tempo”. O calendário letivo do corrente ano possui duzentos e três dias letivos, sendo elaborado e entregue aos professores no início do ano letivo, anexado aos Diários de Classe. No calendário, tal como Veiga (2002, p.07) apresenta, são destacados os feriados nacionais e municipais, bem como datas importantes para os docentes como, jornada pedagógica, início e término dos bimestres, recesso/férias, recuperação e provas finais. Os Diários de Classe são sempre atualizados e analisados pela supervisora escolar, que quando necessário, corrige e orienta o devido preenchimento.

O desenvolvimento das crianças da Educação Infantil é avaliado a partir dos conceitos, como: construído, atingiu parcialmente, não construído e não trabalhado, presentes na ficha individual do Diário de Classe. Já o conhecimento dos alunos do Ensino Fundamental é organizado por disciplinas que são avaliados por competências, através do Programa Primeiros Saberes da Infância.

Na escola, o referido programa abrange do 1º ao 4º, com um total de 267 alunos, não atingindo o 5º ano do Ensino Fundamental. Nesta série, os discentes são avaliados da forma tradicional, ou seja, através de notas. Em entrevista com algumas professoras participantes do Programa Primeiros Saberes da Infância, podemos observar que elas não gostam do método de ensino, uma vez que, os conteúdos não apresentam uma sequência de fácil aprendizagem dos alunos, ponto negativo, pois deixa os alunos meio “perdidos”. Este programa visa dar um suporte e fortalecer o trabalho pedagógico nas turmas de 1º ao 5º ano, desenvolvendo nos alunos as capacidades de leitura, escrita e cálculo, visando ao final do 5º ano, pleno domínio dos alunos.

Além das formas de avaliação vistas, as professoras também avaliam seus alunos diariamente através de atividades e participação nas aulas, avaliação contínua, diagnóstica, oral, escrita, qualitativa, quantitativa e nos 4º e 5º anos, os instrumentos utilizados são: provas, testes, relatórios, fichas individuais, portfólio, autoavaliação, entrevistas e Prova Brasil. No intuito de avaliar a qualidade do ensino a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos e as turmas dos 2º anos, são avaliados pela Provinha Brasil em

duas etapas, uma no início do ano letivo e a outra ao término, a fim de analisarem e avaliarem o nível de alfabetização.

Os alunos também participam do PNAIC, que é o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, um programa federal que assegura que todas as crianças consigam se alfabetizar até os oito anos de idade, ou seja, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental.

Sempre que possível, as professoras conduzem os alunos para o laboratório de informática com o objetivo de saírem do modo tradicional e inovar processo de ensino-aprendizagem. Os horários são divididos, para que assim, todos os alunos possam ter acesso a essa nova tecnologia, desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental. O computador oferece a possibilidade de integrar diversas formas de linguagens (texto, imagem, som), além de provocar a curiosidade do novo, proporcionando uma maior facilidade na aprendizagem.

Concordando com essa ideia, Valente (1998, p. 65) ainda complementa que “na educação de forma geral, a informática tem sido utilizada tanto para ensinar sobre computação [...] como para ensinar praticamente qualquer assunto por intermédio do computador”.

As professoras afirmam que sentem muita dificuldade em se relacionar com alguns dos alunos, pelo fato deles serem rebeldes, não se interessarem muito pelos estudos, possuírem uma convivência familiar desajustada e, ou seja, são carentes das condições mínimas de sobrevivência material e humana.

Pereira *et al.* (2005, p. 45) ressaltam que é difícil para os pais perceberem a influência que exercem no comportamento dos filhos. Eles expressam como gostariam que os filhos se comportassem, mas não atentam para as consequências que fornecem a eles quando agem de maneira adequada e inadequada.

As professoras da referida entidade, desenvolvem projetos pedagógicos e partem não só dos conhecimentos prévios dos alunos, como também englobam temas de suma importância para cada faixa etária, que valorizam e facilitam a construção dos seus conhecimentos.

O projeto Vivendo a imaginação foi elaborado com o objetivo de trabalhar o cognitivo das crianças através da linguagem poética, estimulando e exercitando a oralidade de forma lúdica e prazerosa. Este projeto foi idealizado e posto em prática inicialmente pela professora Ana Paula Soares Silva Limeira, para participação do Prêmio Professores do Brasil, na sua 5ª edição, no ano de 2011, sendo premiado e motivo de orgulho para toda comunidade escolar.

O projeto surgiu da necessidade de trabalhar com os alunos para que os mesmos pudessem sobressair com apropriação às habilidades necessárias para o seu crescimento como

todo, tendo como objetivos: desenvolver a oralidade e a timidez; despertar o gosto pela leitura; estimular a criatividade, expressar-se utilizando a linguagem de desenho; apreciar a leitura; exercitar a fantasia, a imaginação e a memória.

Segundo a professora, a turma apresentava-se desestimulada. Assim, foi observado que quanto mais a linguagem oral era trabalhada, melhorava a evolução da linguagem escrita. As crianças aprenderam a interpretar e apreciar a linguagem poética nos textos lidos e escritos em sala de aula.

O referido projeto foi trabalho em quatro meses, iniciado através da familiarização dos alunos com obras poéticas, explorando a leitura, a escrita e o estudo de novos vocábulos com a confecção de uma pasta com poesias de alguns poetas, como: Vinícius de Moraes, José Paes, Roseane Murray, Elias José, Ruth Rocha, Pedro Bandeira e artistas da terra, como Jansen Filho e Pinto de Monteiro.

As poesias foram exploradas de forma interdisciplinar, enriquecendo cada etapa do projeto, com Linguagem oral; Artes, a partir de música, movimentos e desenhos; História, com as biografias dos poetas; Geografia, com a identificação dos locais vivenciados dentro da poesia; Matemática, com o trabalho com quantidades de versos e estrofes; Ciências, a partir de abordagens sobre o meio ambiente, preservação dos animais, dentre outros temas.

Durante o projeto, os alunos realizaram visitas à Pousada dos Poemas, Museu Histórico de Monteiro, a fim de conhecer mais sobre a vida e as obras dos poetas de Monteiro.

Ao final, concluiu-se com a culminância para os pais, alunos e toda comunidade escolar, com amostras dos trabalhos, dramatizações, musicais e depoimentos de alguns pais sobre o desenvolvimento de seus filhos durante as atividades.

O projeto permitiu um processo de avaliação contínua e integrada, em que foram reservados horários durante a semana em sala de aula, relativa a leitura, com cantinho de leitura, varal de poesia, escolha de poesia com níveis diferentes de vocabulário e incorporação a leitura em voz alta. A avaliação acompanhou todos os aspectos de desenvolvimento e desempenho da criança. Deu-se na prática, através de ficha de registro, da observação atenta na sala durante e após cada atividade realizada, comparando os resultados mostrando os níveis alcançados pelos mesmos.

As diferenças entre as crianças foram trabalhadas construtivamente, fazendo cada um se sentir aceito, respeitando, estimulando a interagir com o grupo. O erro era superado principalmente pela autocorreção, pelo fazer constante.

Em síntese, as atividades foram realizadas de forma escrita, oral e ilustrativa, além de servirem de instrumento para avaliação, analisando as atitudes da criança.

A docente permanece lotada na instituição e continua a desenvolver este brilhante projeto que brotou do desejo de melhorar a participação das suas crianças na sala de aula, já que eram muito tímidas e passivas. A professora utiliza uma metodologia diversificada, trabalhando com poesias, desenvolvendo a oralidade, a criatividade, estimulando a leitura prazerosa e espontânea. A docente apresenta aos alunos as poesias em forma de texto, ilustrações, bem como conhecem a biografia dos autores.

De acordo com Hernández (1998, p.13), o projeto possibilita ao aluno deparar com relações que vão além das disciplinas e que o ajudarão a resolver situações problemas que possam surgir, aumentando sua capacidade de encarar desafios.

Na citada escola, há o repasse anual de recursos do PDDE destinados a melhoria da sua infraestrutura física e pedagógica. Podemos perceber que mesmo a escola recebendo tal verba, não é suficiente para sua total manutenção. É necessário, às vezes, buscar ajuda junto à Secretaria Municipal de Educação.

O Programa Dinheiro Direto na Escola - PDDE foi criado pela Resolução 12, de 10 de maio de 1995, com o nome de Programa de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (PMDE). Posteriormente, passou a se chamar PDDE, devido à edição de Medida Provisória do Governo Federal (nº 1.784, de 14 de dezembro de 1998). Sua finalidade é prestar assistência financeira, em caráter suplementar, às escolas públicas de ensino fundamental das redes estaduais, municipais, do Distrito Federal e às escolas de educação especial qualificadas como entidades filantrópicas ou por elas mantidas, desde que registradas no Conselho Nacional de Assistência Social - CNAS (BRASIL, 2013).

A verba para a compra da merenda escolar, oriunda do Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE não é repassada diretamente à conta da escola. É administrada pela Secretaria Municipal de Educação e os gêneros alimentícios são comprados e distribuídos às escolas através do Setor de Compras. A escola também é beneficiada pelos gêneros fornecidos pelo Programa Compra Direta, voltado à aquisição da produção da agricultura familiar. Com este programa, as escolas recebem, semanalmente, frutas, verduras, hortaliças, tapioca, bolo, dentre outros.

A escola conta com Associação de Pais e Mestres - APM e Conselho Escolar favorecendo para o crescimento da mesma. A APM é responsável pelas compras com os recursos do PDDE e representa o papel de Unidade Executora - UEx, conforme as determinações do PDDE.

A escola não possui grêmio estudantil, centro cívico, regimento escolar, ronda escolar, policiais nas imediações, nem conselho de classe oficializado. Por este fato, ao final de cada bimestre e de ano letivo, são realizadas reuniões para avaliar o rendimento dos alunos.

Em se tratando do regimento escolar, Alvarez (2004, p.73), fala que para que a estrutura funcione de forma correta, algumas regras, normas e procedimentos devem ser adotados, uma vez que, sem os mesmos, as organizações não caminham como devem. Nesse sentido, na escola podemos perceber que mesmo sem ser regido pelo regimento escolar, devido a sua ausência, a gestora utiliza de suas normas internas e desempenha um ótimo trabalho, em que os professores trabalham em união, oferecendo educação com qualidade a todas as crianças, sem distinção.

A entidade conta com parceria com o Conselho Tutelar e sempre que necessário, encaminha os alunos faltosos e com baixo rendimento, a fim dos conselheiros realizarem visitas às famílias e descobrirem os motivos de tais situações. Estes alunos são encaminhados ao Conselho juntamente com a ficha FICAI - Ficha de Comunicação do Aluno Infrequente, ficha que é fruto do trabalho envolvendo diversas instituições ligadas à proteção de crianças e adolescentes, tanto em nível estadual como municipal, com a finalidade de estabelecer um fluxo de atuação interinstitucional para a prevenção e o combate à infrequência, o abandono e evasão escolar.

Liberati (1991, p.108) nos informa que o Conselho Tutelar, mesmo não sendo revestido de poder jurisdicional, poderá encaminhar ao Ministério Público, notícia de fato que constitua infração administrativa ou penal contra as crianças ou adolescentes e terá como função fiscalizar as entidades de atendimento. Caso seja necessário, diante dos fatos analisados nestes locais de atendimentos, o Conselho Tutelar poderá iniciar procedimentos judiciais visando apurar irregularidades nestas determinadas entidades, visando dar a devida valoração aos direitos da criança e do adolescente.

De acordo com o Educacenso 2013 da instituição, do total dos alunos matriculados, cento e dois residem na zona rural e utilizam o transporte escolar do poder público municipal para chegarem até a escola. Os veículos utilizados são ônibus particulares locados por processos licitatórios, como também, ônibus e microônibus recebidos pelo Programa Federal Caminho da Escola, do Ministério da Educação - MEC.

2.2 A GESTÃO EDUCACIONAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

No Brasil, a gestão democrática das escolas públicas está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996), em seu Art.3º, inciso VIII, quando são tratados os princípios que o ensino será baseado, ao ressaltar que o ensino público será ministrado com base no princípio da gestão democrática. Já no Art. 14, podemos analisar que “os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na Educação Básica, de acordo com as peculiaridades” baseado nos princípios da participação dos profissionais da educação na produção do projeto pedagógico da escola, bem como a participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares.

Ao observamos o dia a dia da gestora escolar e da supervisora escolar, podemos perceber que a gestora busca as opiniões de forma coletiva, abrindo espaço para outros olhares, tornando assim uma gestão participativa, em que todos os integrantes participam de forma ativa e contínua.

Sempre que a escola consegue alguma verba, como nos festejos juninos, os gastos são prestados contas e expostos para que os pais e/ou responsáveis tomem conhecimento. Percebe-se também, que há parceria de toda equipe escolar em prol do aprendizado dos alunos, pois quando a docente nota que existe algum aluno faltoso, logo comunica a gestora, que entra em contato com a família para saber o motivo das faltas do aluno.

A escola atua de forma correta conforme Veiga (2002, p.67), quando se refere que “a gestão democrática inclui, necessariamente, a ampla participação dos representantes dos diferentes segmentos das escolas nas decisões/ações administrativo-pedagógicas ali desenvolvidas”. Por ser municipal, recebe normas da administração superior que é a Secretaria Municipal de Educação, através da Secretária de Educação do município, que é vinculada de forma político-partidária; vínculo este também da atual gestora da Instituição.

De acordo com Mendonça (2000, p.100), este tipo de escolha para ocupação do cargo de diretor escolar, é o segundo tipo mais frequente no nosso país, mesmo sendo muito criticado, pois, segundo a Constituição de 1988, no seu artigo 206 e inciso VI, nos remete sobre a gestão democrática, quando a escolha de diretor deva acontecer através de eleições diretas.

Para Oliveira (1997, p.47):

[...] o que a escola precisa é de gestores da educação que entendessem profundamente de educação [...], mas é necessário entender de administração, porque não entendendo de administração faltam certos institucionalismos e certas marcas de conexão que impediria a impressionante burocracia que há no sistema educativo.

A gestora demonstra sempre não só o conhecimento, como também o interesse pelo seu trabalho. Sempre acolhedora, nos recebeu de forma positiva, se dispondo a repassar todas as informações necessárias para o total conhecimento.

A mesma conversa com os alunos que passam por algum problema, quando preciso e ao notar que o aluno necessita de algum cuidado especial, o encaminha para as psicólogas lotadas na Secretaria Municipal de Educação que prestam serviços atendendo crianças e familiares, a fim de resolver problemas sempre frequentes nas famílias atuais. Com parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, a escola encaminha para realização de exames de vista os alunos que apresentam dificuldade na visão.

A Secretaria Municipal de Educação também conta com os serviços de nutricionistas para elaborar o cardápio e acompanhar a merenda escolar visando hábitos alimentares saudáveis, respeitando os costumes regionais. Estes profissionais também realizam capacitações para merendeiras, para aprimorarem seus conhecimentos culinários e se conscientizarem acerca da importância em se ter bons hábitos de higiene.

Os onze alunos que possuem algum tipo de distorção ou deficiência anteriormente citados frequentam, em horário oposto a sala regular, a Sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE, localizada em uma escola municipal. Lá os alunos recebem atendimento individual e específico para cada caso, seja déficit físico, déficit mental, alunos com surdez, cegueira, baixa visão, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, autismo, Síndrome de Down, dentre outras.

2.3 FORMAÇÃO CONTINUADA: é aprendendo que se ensina melhor

A formação continuada não é uma prática nova. Ela foi criada há muito tempo servindo de base para a orientação e preparação dos professores e sua prática a fim de se reconstruírem e modificarem. Nóvoa (2001, p. 38) afirma, a esse respeito, que o aprender contínuo, essencial para o professor, deve se concentrar em dois pilares: a própria pessoa do professor, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente.

Para Nóvoa (2001, p. 38), “o professor se forma na escola”, pois,

[...] é no espaço concreto de cada escola, em torno de problemas pedagógicos ou educativos reais, que se desenvolve a verdadeira formação. Universidades e especialistas externos são importantes no plano teórico e metodológico. Mas todo esse conhecimento só terá eficácia se o professor conseguir inseri-lo em sua dinâmica pessoal e articulá-lo com seu processo de desenvolvimento.

Mesmo concordando com o autor que é no desenrolar do dia a dia, nos problemas que sempre aparecem, que o professor se desenvolve, deve haver um investimento em formações continuadas, pois só assim, o docente vive em eterna atualização, buscando inovar suas aulas e conseguir mais ainda a atenção e o conhecimento dos seus alunos. Os professores da Rede Municipal de Ensino participam, anualmente da jornada pedagógica no início do ano letivo e sempre são divididos por níveis: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e trabalham temas e novas metodologias, para assim, facilitar o seu trabalho e a aprendizagem do seu alunado. Há também o Seminário de Educação Inclusiva, onde os professores participavam de palestras e oficinas sobre as deficiências e as formas de se trabalhar com um aluno especial.

Bicudo (1999, p. 59), é a favor da formação continuada no sentido que,

[...] não é, portanto, algo eventual, nem apenas um instrumento destinado a suprir deficiências de uma formação inicial mal feita ou de baixa qualidade, mas, ao contrário, deve ser sempre parte integrante do exercício profissional do professor.

Sabemos não só da importância dos professores terem a formação em Pedagogia, como também da necessidade, atualmente, exigida pelos governantes para os docentes de Creche, Educação Infantil e Ensino Fundamental I (de 1º ao 5º ano), que por algum motivo, não terem concluído a sua licenciatura ou estarem atualmente ministrando aulas em disciplina diferente da sua formação.

O Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica - PARFOR, resultante da ação conjunta do Ministério da Educação - MEC, Instituições Públicas de Ensino Superior e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, destina aos professores, sem formação adequada à Lei de Diretrizes e Bases e em exercício nas escolas públicas, cursos superiores gratuitos e de qualidade, representando também uma formação continuada.

2.4 O PLANEJAMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR

Sabemos que o professor por si só não caminha. É necessária a parceria de outros profissionais para que o verdadeiro caminho seja percorrido. O planejamento escolar consiste em preparar, organizar e deve ser levado a tona não apenas para cumprir complementação de carga horária, mas ser um processo contínuo e permanente que inclui a reflexão como componente básico e indispensável para a sua realização.

Para Vasconcellos (2000, p.79),

Planejar é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a ser realizadas e agir de acordo com o previsto. Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensa.

A instituição possui planejamento semanal, que acontece às quartas-feiras, com carga horária de 4h. Neste momento, participam a supervisora educacional, a gestora, as profissionais que apóiam à gestão e a equipe docente. A acolhida sempre é feita com uma oração que é seguida pela leitura de uma mensagem e descontração com dinâmica. As professoras sempre recebem a pauta com os informes e socializam o encontro com o planejamento do trabalho, sempre que tem algum informe da Secretaria Municipal de Educação, é analisado e discutido por todos ali presentes.

2.5 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: uma construção coletiva

O Projeto Político Pedagógico - PPP é uma ação que deve ser formada através do trabalho coletivo de toda equipe escolar buscando metas que intervenham na realidade da escola. Representa o desejo de mudança, avaliando o hoje para poder projetar o futuro.

Para André (2001, p. 188) o projeto pedagógico não é somente uma carta de intenções, nem apenas uma exigência de ordem administrativa, pois deve "expressar a reflexão e o trabalho realizado em conjunto por todos os profissionais da escola, no sentido de atender às diretrizes do sistema nacional de Educação, bem como às necessidades locais e específicas da clientela da escola"; ele é "a concretização da identidade da escola e do oferecimento de garantias para um ensino de qualidade".

O PPP da escola encontra-se em construção, sendo orientado pela Secretaria Municipal de Educação a partir de etapas. Primeiramente, os professores participaram de estudo sobre currículo e agora está sendo construído o texto escrito. Vale salientar que esta segunda etapa está sendo desenvolvida pela equipe da gestão escolar, supervisora e professoras.

Segundo o documento, a supervisão escolar tem como funções planejar, coordenar, controlar, acompanhar e articular a proposta pedagógica da escola, possibilitando sua implementação e operacionalização no desempenho do fazer pedagógico.

Analisando o material construído, encontramos ações voltadas para o desenvolvimento de um ensino que se baseie na interação do educador e educando, no caminhar junto, pois o saber deve ser construído coletivo, deixando de lado a imagem do docente autoritário, portador da verdade.

Dentre os objetivos do Projeto Político Pedagógico da escola, percebemos que o mesmo é centrado na melhoria do desempenho dos alunos, uma gestão escolar democrática e a promoção da qualificação de professores.

2.6 RELAÇÃO ESCOLA X COMUNIDADE: uma aproximação necessária

É sabido que é de fundamental importância que haja a parceria entre escola e comunidade para se ter uma educação de qualidade. Quando falamos escola, não falamos apenas da gestora, como também toda equipe escolar: gestores, professores, funcionários e estudantes.

Na escola, segundo relato da gestora, infelizmente ainda são poucos os pais e/ou responsáveis que buscam informações sobre seus filhos. Periodicamente, são realizados Plantões Pedagógicos a fim de estimular tal aproximação, tão importante para o desenvolvimento das crianças.

No último plantão realizado, a gestora convocou a presença de uma Psicóloga para falar sobre a importância de se ter uma boa relação com os filhos desde casa, pois é neste ambiente que o aluno recebe valores que são fundamentais na sua vivência na sala de aula.

Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam (TIBA, 1996, p. 111).

Dessa forma, notamos que a área de gestão escolar é um espaço privilegiado de aprendizagem do aluno, pois, além de proporcionar uma visão da realidade das escolas públicas, também possibilita ao estagiário o exercício da pesquisa, a partir das ideias de grandes teóricos que repercutem sobre o tema.

3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil tem, cada vez mais, conquistado novos rumos, ganhando espaço em todo nosso país. Segundo Oliveira (1994, p.25), no Brasil a situação mudou de uma maneira radical desde que a antiga Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 5.692/71 incluiu artigos sobre essa parte tão importante da educação. Havia um artigo que prenunciava que as crianças com idade inferior a sete anos recebessem atenção principalmente em escolas maternal jardins de infância e instituições equivalentes. Ainda nesta época a Educação Infantil tinha no seu seio concepções diferenciadas. Para as crianças abastadas dos jardins de infância seria um principiar nas primeiras letras, já na esfera pública existia a ideia do assistencialismo, do cuidar e alimentar enquanto as mães saíam para trabalhar.

Esta fase da educação ganhou outra visão com as contribuições da médica italiana Maria Montessori (1870-1952); trabalhou com crianças portadoras de necessidades especiais, aplicou seus estudos para crianças normais numa instituição chamada *Casa Dei Bambini* (*Casa das Crianças*). “Ela acreditava que a educação é uma conquista da criança, pois percebeu que já nascemos com a capacidade de ensinar a nós mesmos, se nos forem dadas às condições” (FERRARI, 2003).

Neste capítulo, dissertaremos sobre o Estágio Supervisionado II, na área de Educação Infantil é de fundamental importância para nós, acadêmicos do Curso de Pedagogia, pois podemos participar ativamente da rotina da sala de aula da Educação Infantil, buscar relevâncias para trabalhar com alunos desta faixa etária de idade, aprender metodologias que facilitem a aprendizagem dos alunos, afinal não é qualquer pessoa que se encontra preparado para atuar nesta fase.

Para Machado (2002, p.29), os docentes da Educação Infantil devem além de cuidar e educar, “gostar de crianças, ter boa saúde, boa aparência, facilidade de comunicação, simpatia, boa educação, experiência anterior e dinamismo”.

Diante disso, a Educação Infantil deve ser norteadada por um caráter educacional, que promova o desenvolvimento integral da criança, em suas diferentes e complementares perspectivas, ou seja, enquanto etapa da Educação Básica, não pode mais aceitar a manutenção de paradigmas que ofereçam apenas atendimento assistencial às crianças; que cuidem no sentido da mera proteção, higiene e alimentação sem educá-la. É importante que os profissionais reflitam sobre a forma de encarar a criança, pois a imagem dela construída pelo professor deve ser aquela de um ator educativo e criativo, como um sujeito e cidadão com

potenciais, direitos e responsabilidades, alguém com quem vale a pena ouvir e dialogar e que tem a coragem de pensar e agir por si mesma, alguém que tem vontades próprias, que seja valorizada como um ser histórico (MOOS, 2002).

3.1 A FEMINIZAÇÃO NA DOCÊNCIA

Atualmente, os Cursos de Graduação em Pedagogia apresentam uma grande evasão do sexo masculino. Quando nos referimos à habilitação específica em Educação Infantil, a presença masculina ainda é muito escassa, com apenas 3%. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998, p. 13):

A expansão da educação infantil no Brasil e no mundo tem ocorrido de forma crescente nas últimas décadas, acompanhando a intensificação da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estrutura das famílias. Por outro lado, a sociedade está mais consciente da importância das experiências na primeira infância, o que motiva demandas por uma educação institucional para crianças de zero a seis anos.

Segundo Bruschini (1998, p.146), os interesses em ingressar mulheres no magistério tinham como objetivo manter princípios morais e conservadores. Para o autor, "o magistério era a única profissão feminina respeitável e a única forma institucionalizada de emprego para a mulher de classe média". Para Almeida (1996, p.175), a profissão de professora foi praticamente à única que as mulheres tiveram o direito de exercer, já que os demais campos profissionais lhes foram oclusos. De acordo com Louro (2004, p.128), os homens estavam abandonando as salas de aula, dando origem a uma "feminização do magistério", fato provavelmente ligado ao processo de urbanização e industrialização, os quais ampliavam o campo de atuação masculina.

Segundo Almeida (1996, p.77),

[...] o fato de não terem amplo acesso às demais profissões fez do magistério a opção mais adequada para o sexo feminino, o que foi reforçado pelos atributos de missão e vocação, além da continuidade do trabalho do lar.

A partir da Constituição de 1988, o magistério se tornou um campo de trabalho feminino e no antigo primário (as quatro séries iniciais do 1º grau) chegaram a perceber 70% do total de funcionários. Já em 1990, elas avançaram também para as séries finais do 1º grau, para o 2º grau e para os cargos de especialista: assistente de direção, direção e supervisão (REIS, 1993).

Afinal, o gênero, se é homem ou mulher, pouco importa; o que deve haver é uma melhor motivação do profissional docente, com implantação de políticas públicas que valorize esta área, pois fundamental é o desempenho de sua profissão, abarcando homem e mulher em busca de um bem comum, de uma aprendizagem e um cuidar e educar com bons êxitos.

3.2 O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: aprender brincando

O ato de brincar influencia de forma ativa o processo de aprendizagem da criança, uma vez que, facilita a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade, estabelecendo, desta forma, uma relação estreita entre jogo e aprendizagem. Para Piaget (1975, p.156),

[...] os jogos e as atividades lúdicas tornam-se significativas à medida que a criança se desenvolve, com a livre manipulação de materiais variados, ela passa a reconstituir reinventar as coisas, que já exige uma adaptação mais completa. Essa adaptação só é possível, a partir do momento em que ela própria evolui internamente, transformando essas atividades lúdicas, que é o concreto da vida dela, em linguagem escrita que é o abstrato.

Segundo Oliveira (2000, p.46) o brincar não significa apenas recrear, é muito mais, caracterizando-se como uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento acontece através de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda sua vida. Assim, através do brincar a criança pode desenvolver capacidades importantes como a atenção, a memória, a imitação, a imaginação, ainda propiciando à criança o desenvolvimento de áreas da personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade.

Piaget (1975, p.157) retrata que os jogos não são apenas uma forma de entretenimento para gastar a energia das crianças, mas meios que enriquecem o desenvolvimento intelectual. Para Vygotsky (1984, p.76), o educador poderá fazer o uso de jogos, brincadeiras, histórias e outros, para que de forma lúdica a criança seja desafiada a pensar e resolver situações problemáticas, para que imite e recrie regras utilizadas pelo adulto. Gonzaga (2009, p. 39), aponta que:

[...] a essência do bom professor está na habilidade de planejar metas para aprendizagem das crianças, mediar suas experiências, auxiliar no uso das diferentes linguagens, realizar intervenções e mudar a rota quando necessário. Talvez, os bons professores sejam os que respeitam as crianças e por isso levam qualidade lúdica para a sua prática pedagógica.

3.3 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NUTRICIONAL NA INFÂNCIA

Nas últimas décadas o Brasil vem passando por uma rápida transição nutricional, na qual a obesidade se consolidou como agravo nutricional associado à incidência de outras doenças crônicas não transmissíveis, influenciando o perfil de morbi-mortalidade da população (MENEGAZZO *et al.*, 2011, p. 244).

A alimentação da criança, desde o nascimento e nos primeiros anos de vida, tem repercussões ao longo de toda a vida, a mesma é considerada um dos fatores mais importantes para a saúde da criança. Nesta fase, além de suprir as necessidades nutricionais, também é uma das principais formas de contato com o mundo externo. A fase pré-escolar é um período decisivo na formação de hábitos alimentares, que tendem a continuar na vida adulta, por isso a importância de estimular o consumo de uma alimentação variada e equilibrada (BERNART; ZANARDO, 2011).

Segundo Turano e Almeida (1999), a escola é um dos melhores locais para se promover a educação nutricional, porque nos permite trabalhar com crianças. Sabe-se que é nesta fase da vida do sujeito, a infância, que se fixam as atitudes e práticas alimentares difíceis de modificar na idade adulta.

Souza (*et al.* 2007) também concorda com a ideia da escola ser uma das instâncias de maior influência na formação do hábito alimentar das crianças, sendo muitas vezes os próprios pais os responsáveis por esta afirmação.

Por isso deve-se considerar o fato da criança permanecer algum tempo na escola, o que torna a mesma um ambiente favorável para a incorporação de hábitos saudáveis de alimentação, visto que é um local que auxilia na formação da criança. Soma-se a importância de serem oferecidas refeições diferenciadas e com aporte adequado de nutrientes (MENEGAZZO *et al.*, 2011, p. 244).

3.4 ORGANIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR

Ao finalizar os períodos de observação e docência na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Monteiro Lobato, podemos perceber que a entidade se esforça para oferecer um ensino público de qualidade.

Neste sentido, Perrenoud (1999), afirma que a Escola deve modificar-se para oferecer aos alunos as ferramentas necessárias para que estes tenham um desenvolvimento humano e profissional satisfatório, sendo capazes de atuar positivamente na sociedade em que estão inseridos.

No período de 24/03 a 28/03/2014, iniciamos o período de observação na sala de aula do campo de estágio, na turma do Pré II A da Educação Infantil, no turno da manhã, com um total de 28 alunos, com faixa etária de 04 a 05 anos.

Neste período, podemos perceber que a professora é atenciosa com todos os alunos e procura atender as necessidades dos alunos auxiliando-os individualmente, mesmo sem contar com uma professora auxiliar. Diariamente, estimula as crianças nas atividades a fim de superarem as dificuldades. Do total dos 28 alunos, muitos têm facilidade na aprendizagem, outros, apresentam maior dificuldade na realização das atividades diárias.

A professora caminha segundo Freire (1996), quando se refere que “ensinar não é transmitir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a produção do saber”. A mesma utiliza-se de diferentes estratégias e recursos para promover a aprendizagem: diferentes atividades, leituras de historinhas infantis, recursos pedagógicos (DVD e TV), estimula a responsabilidade e o cuidado com as atividades de casa e o respeito entre os colegas. Na sala de aula, a disposição dos alunos é sempre diferente dia após dia, evitando assim, conversas paralelas e divergências entre si.

Durante o estágio podemos perceber também, que as crianças diariamente levam atividades para casa, mas nem sempre trazem resolvidas. A professora argumenta que sempre enfatiza durante reuniões pedagógicas, a importância do acompanhamento escolar em casa.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 1975).

A decoração das paredes da sala de aula é feita pela professora no início do ano letivo, com desenhos da Turma da Mônica, letras e números. Segundo Horn (1998, p.37),

O espaço não deverá ser somente um local útil e seguro, mas também deverá ser agradável e acolhedor, revelador das atividades que nele as crianças protagonizam. Assim, as paredes, as disposições das salas de aula, dos corredores e das aberturas e todo o resto, expressam uma concepção de educação em que o desenvolvimento da autonomia e o acolhimento às crianças andam juntos.

A sala de aula possui carteiras adaptadas ao tamanho das crianças, quadro branco, um armário para as professoras dos turnos da manhã e tarde acomodarem seus materiais e filtro d'água. No primeiro dia de observação, dia 24/03/2014, a professora iniciou a aula conscientizando que as crianças não devem chorar ao virem para a escola, afinal já estão no segundo mês de aula. Logo após, desenhou no quadro figuras para revisar as vogais *A a, E e*.

A medida que ia explicando, mostra a diferença da letra cursiva e de imprensa, lembrando que as crianças devem aprender não só a letra cursiva, pois é com a letra de imprensa que elas conseguirão ler as embalagens em casa, os livros e revistas. Os alunos, nesse dia, receberam uma atividade no caderno. Após o intervalo, os alunos iam individualmente ao birô fazer o nome próprio e prestam atenção para explicação da atividade de casa, que se baseia na revisão dos numerais 1 e 2.

No dia 25/03/2014, segundo dia de observação, a professora deu início colando material didático, como lápis, pincel, tesoura, no quadro para explicar o numeral 3. No quadro, a professora formou conjuntos com os materiais, influenciando as crianças a associarem número à quantidade. Após a explicação, os alunos realizaram a atividade e após o intervalo, a professora distribuiu peças de encaixe para os alunos brincarem e ia chamando ao birô os alunos para fazerem o nome na tarefa de classe. Para casa, os alunos levaram outra atividade sobre o numeral 3.

O terceiro dia de observação, dia 26/03/2014, iniciou com a professora contando a historinha “*Vai embora monstro verde*”, que os alunos prestaram muita atenção e adoraram o enredo. Em seguida, deu início a explicação da vogal *I, i*. Logo após, a professora entrega os crachás com os nomes das crianças e pede que pintem as vogais *I, i* presentes no nome deles. Realizaram atividade xerocada e levaram para casa uma atividade revisando as três vogais já estudadas.

No dia 27/03/2014, quarto dia de observação, a professora iniciou a aula com uma ótima metodologia para as crianças revisarem as vogais já estudadas. Entregou peças de emborrachado com as vogais escritas, tanto na forma cursiva como imprensa e ia pedindo para mostrarem a vogal que ela disser. Após este momento, os alunos treinaram a vogal *I, i*. Após o intervalo, para comemorar o Dia do Circo, a professora entregou uma folha em branco para cada aluno e pede para fazerem um desenho livre que caracterize o circo. Depois deste momento, a mesma pintou os rostos das crianças para lembrar o palhaço.

No dia 28/03/2014, quinto dia de observação, a professora iniciou a aula levando os alunos para a sala de vídeo para assistirem o DVD Xuxa Circo e relembrem o Dia do Circo. Após o intervalo, realizaram uma pintura, colorindo um palhaço.

Na semana posterior, no período de 31/03 a 04/04/2014, foi destinado ao planejamento das ações que seriam desenvolvidas no período de regência em sala de aula. Neste sentido, houve a escolha da temática a ser ministrada, elaboração dos planos de aulas, atividades a serem aplicadas.

No momento seguinte, a regência, foi realizada no período de dia 07 à 11/04/2014 e o eixo escolhido foi “Sociedade e Natureza”, com o tema Alimentação Saudável: Uma receita de saúde.

Iniciamos nossa semana saudável no dia 07/04, com uma conversa informal, falamos do por que estar ali, do desenvolvimento do tema durante a semana. A princípio, eles demonstraram muita satisfação com a presença de outra professora. Damos início apresentando a vogal O, o, com a presença da figura de ovos no quadro. Aproveitamos para falar sobre a importância dos ovos na nossa alimentação. Após a explicação, chegou o momento da atividade em uma folha xerocopiada. Na hora do lanche, cantamos a música “Meu lanchinho” e falamos sobre a importância das crianças trazerem lanches saudáveis para a escola. Falamos dos males que o refrigerante traz para nossa saúde, visto que a maioria dos alunos o trazem para lanche. Após o intervalo, os alunos receberam um lembrete conscientizando sobre os males do refrigerante para levarem para casa e nele, procuraram as vogais O, o e pintaram. A atividade de casa seria no caderno sobre os conceitos de maior e menor, trazendo para a realidade das frutas, perguntando qual fruta era maior e qual seria menor. Aproveitamos o assunto e falamos que comer bem não significa comer muito. Encerramos este dia contando a história da Bela e a Fera e relembrando tudo que tínhamos aprendido.

No segundo dia de regência, dia 08/04, iniciamos nossa aula explicando o numeral 4. No quadro, montamos conjuntos de 1, 2, 3 e 4 frutas, para os alunos lembrarem os numerais já vistos. Após a explicação, os alunos realizaram uma atividade na folha xerocada. Logo após o intervalo, revisamos a vogal o e as crianças realizaram a atividade de revisão no caderno. Para atividade de casa, explicamos sobre o corpo humano. Falamos da importância de lavar bem as mãos, tomar banho, escovar os dentes, para serem crianças limpas e saudáveis. Para encerrar este dia, os alunos receberam um lembrete para levar para casa falando sobre a importância das crianças praticarem esportes.

No dia 09/04, terceiro dia de regência, demos início com a distribuição de peças de encaixe para as crianças se divertirem um pouco. Após, chegou o momento da historinha dos animais, para as crianças se conscientizarem dos cuidados que devemos ter com estes seres. Logo após, revisamos as vogais e realizamos um ditado colorido. A professora ia dizendo a vogal a ser pintada e a cor; foi um sucesso. Para casa, os alunos levaram uma atividade no caderno revisando o numeral 4. O lembrete que os alunos levaram para casa foi sobre a importância do leite para nossa saúde.

No próximo dia de regência, dia 10/04, começamos a aula distribuindo massinha de modelar. Logo após, as crianças prestaram atenção à historinha que revisava as vogais e tudo que já havíamos aprendido sobre alimentação. Nela, contava a história de dois irmãos. Uma menina chamada Melissa e seu irmão que se chamava José. Enquanto José se alimentava muito bem, Melissa só costumava comer frituras, guloseimas, até que um dia adoeceu e passou quatro dias no hospital. Com todo aquele sofrimento, a menina prometeu a sua mãe que não iria mais ter aquela alimentação; iria se alimentar com muitas frutas, comer bem no almoço e no jantar. No dia seguinte, Melissa no café da manhã chupou quatro melancias. Após o almoço, comeu três maçãs. No lanche, chupou duas laranjas e após o jantar, comeu sozinha uma dúzia de bananas. As crianças ficaram abismadas com a alimentação de Melissa. Com isso, a garota adoeceu novamente e ao chegar no hospital, o médico falou que ela deveria se alimentar bem, mas não em grandes quantidades. Os alunos gostaram muito da lição da história e falaram que devem comer pouco, afinal ainda são crianças e que iriam falar em casa sobre a historinha de Melissa e José. Após a historinha, revisamos no quadro os numerais e realizamos atividade no caderno. Após o intervalo, revisamos as vogais e os alunos levaram para casa uma atividade em folha xerocada. Para encerrar este dia, conversamos como seria o nosso último dia juntos. Falamos que não era para faltar ninguém, pois iríamos passear, assistir DVD, ter um lanche super legal. Os alunos levaram para casa, um lembrete informando aos pais que no próximo dia o lanche seria apenas frutas, não podendo mandar na lancheira refrigerante, salgados e guloseimas.

Chegando o último dia da regência, dia 11/04, os alunos estavam muito ansiosos. Começamos nosso dia, indo visitar um sacolão de frutas e verduras localizado próximo à escola. Lá, as crianças se divertiram bastante e colocamos em prática tudo que havíamos conversado. Eles puderam ver de perto as frutas, pegar e responder perguntas que sempre fazíamos sobre alimentação.

Ao retornar para a escola, realizamos a pintura com tinta guache de uma maçã. Após a atividade, foi chegado o momento do lanche. Oferecemos aos alunos uma salada de frutas e complementaram com as frutas trazidas de casa. Antes de comerem, lavamos as frutas, conscientizando para a importância de lavar bem as frutas e vegetais antes de comê-los. Após o intervalo, os alunos assistiram a um DVD infantil na sala de vídeos e levaram para casa um folder informativo sobre os cuidados que os pais devem ter com a alimentação dos filhos, dicas para lancheiras saudáveis, dentre outras informações importantes.

Ao finalizar as atividades, podemos concluir que a temática trabalhada foi de grande valia para as crianças, para suas famílias, enfim, para toda equipe escolar, que pode presenciar

todas as atividades desenvolvidas nesta semana. O tema de promoção de saúde na escola torna-se um eixo de importante trabalho em nível nacional, deixando clara a visão de que a escola é um espaço de ensino-aprendizagem, convivência e crescimento importante, no qual se adquirem valores fundamentais. A escola é o lugar ideal para se desenvolverem programas da Promoção e Educação em Saúde de amplo alcance e repercussão, já que exerce grande influência sobre seus alunos nas etapas formativas e mais importantes de suas vidas (GONÇALVES, *et al*, 2008).

É importante que discutamos o estágio supervisionado como sendo um espaço de aprendizagem que permite ao acadêmico e futuro professor, o desenvolvimento de habilidades necessárias à prática docente. Freitas (1996), em sua pesquisa referente ao estágio supervisionado, traz reflexões importantes para essa questão e considera que o estágio não deve ser visto como aprendizado, mas, mais do que isso, como trabalho. E afirma que o eixo articulador entre a prática de ensino e o estágio é o trabalho.

Apesar das dificuldades e apreensões que envolvem a realização do estágio supervisionado em Educação Infantil, devido a faixa etária a ser trabalhada, tanto sua elaboração quanto sua efetivação, são partes fundamentais na formação do futuro professor e/ou daqueles que já exercem a docência.

4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENSINO FUNDAMENTAL

O Ensino Fundamental é um dos níveis da Educação Básica brasileira. De acordo com a LDB (BRASIL, 1996), em seu artigo 32:

O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Reconhecendo a importância desta etapa na vida da criança, nos desenvolvimentos cognitivo, emocional e afetivo buscamos, neste momento, aliar o conhecimento teórico adquirido de Pedagogia e colocá-lo em prática. Segundo Alarcão (1996), o estágio deve ser considerado tão importante como os outros conteúdos curriculares do curso e para Passerini (2007), esta prática é o primeiro contato que o futuro professor terá com seu futuro campo de atuação. Por meio da observação, da participação e da regência, o licenciando poderá construir futuras ações pedagógicas. “O estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia a dia” (PIMENTA; LIMA, 2004).

4.1 O LÚDICO E A BRINCADEIRA

De acordo com Silva *et al.* (2008) a brincadeira teve origem na pré-história com festas pelo início da caça, danças, invocações aos deuses e foi sistematizada em 1774 na Alemanha, com a fundação do Philantropinum que realizava trabalhos manuais, recreação e atividades intelectuais. Para Araújo (1992), ao estudar a história do jogo, constata-se que ele é uma atividade importante em todos os tempos, inclusive na época anterior a Cristo.

Reverendo a história do jogo, certificamo-nos de que sua importância foi percebida em todos os tempos, principalmente quando se apresentava como fator essencial na construção da personalidade da criança. Desde a época anterior a Cristo já havia uma preocupação em discutir o valor proeminente do jogo na vida das crianças (ARAÚJO, 1992, p. 13).

Acredita-se que o jogo seja tão antigo quanto às criaturas do planeta, pois os animais já brincavam entre si, fomentando o lúdico como fator de vínculos e de afeto. O homem mais primitivo já tinha seus jogos e brincadeiras, o que reitera o lúdico como algo essencial e elementar para o ser humano (HAETINGER, 2005). Segundo Moratori (2003), a origem dos jogos é desconhecida, entretanto, sabe-se que os mesmos foram conservados, oralmente, de geração em geração. No Brasil, os jogos têm origem na mistura de três raças: a índia, a branca e a negra. Atualmente, o jogo é um tópico de pesquisa crescente, havendo várias teorias que procuram entender alguns aspectos particulares do comportamento lúdico.

A necessidade do homem em desenvolver atividades lúdicas, ou seja, atividades cujo fim seja o prazer que a própria atividade pode oferecer, determina a criação de jogos e brincadeiras. Exercer atividades lúdicas representa uma necessidade para as pessoas em qualquer momento de suas vidas (SANTOS, 2000).

Huizinga (2005) traz uma concepção cultural para o jogo argumentando que este é uma categoria absolutamente primária da vida, tão essencial quanto o raciocínio (*Homo Sapiens*) e a fabricação (*Homo Faber*); então, denomina o homem na sua essência cultural como *Homo Ludens*, significando que o elemento lúdico está na base do surgimento e desenvolvimento da civilização.

As atividades lúdicas fazem parte da vida do ser humano e, em especial, na vida da criança, desde o início da humanidade. Entretanto, essas atividades, por muitos séculos, foram vistas como sendo sem importância e tendo conotações pejorativas (SANTOS, 2000, p. 57).

4.2 OS JOGOS E A EDUCAÇÃO

O jogo é, sem dúvida, a atividade mais importante na educação, pois as atividades lúdicas são fundamentais na formação das crianças, e verdadeiras facilitadoras dos relacionamentos e das vivências no contexto escolar. As atividades lúdicas promovem a imaginação e, principalmente, as transformações do sujeito em relação ao seu objeto de aprendizagem. O caráter de integração e interação contido nas atividades lúdicas fez com que a Educação Infantil e o Ensino Fundamental utilizassem constantemente estas atividades para integrar o conhecimento como uma ação prática dos nossos alunos (HAETINGER, 2005).

Mello (1989), nos lembra da dificuldade do jogo ser entendido pela 'escola' como integrante de seu trabalho escolar, principalmente, até a primeira metade do século XX. Os jogos não eram valorizados na escola e pela escola. A partir desta época, paulatinamente, esse tipo de atividade começa ser reconhecido por pesquisadores da Educação e pelos próprios

educadores como essencial na prática pedagógica e, também, como parte dos conteúdos curriculares.

Os professores estão mais preocupados com o conteúdo, com o silêncio e a organização na sala de aula. Eles devem ter em mente que o jogo não é simplesmente um passatempo para distrair os alunos, ao contrário, corresponde a uma profunda exigência do organismo e ocupa lugar de extraordinária importância na educação escolar. Estimula o crescimento e o desenvolvimento, a coordenação muscular, as faculdades intelectuais, a iniciativa individual, favorecendo o advento e o progresso da palavra. Estimula a observar e conhecer as pessoas e as coisas do ambiente em que se vive. Através do jogo o indivíduo pode brincar naturalmente, testar hipóteses, explorar toda a sua espontaneidade criativa. O jogo é essencial para que a criança manifeste sua criatividade, utilizando suas potencialidades de maneira integral. É somente sendo criativo que a criança descobre seu próprio eu (TEZANI, 2004).

Kishimoto (2003) chama atenção para o fato de que a especialização dos ‘brinquedos educativos’, dirigidos ao ensino de conteúdos específicos, pode expropriar dos jogos aquilo que lhe é natural, ou seja, o prazer, a alegria e a gratuidade, elementos indispensáveis à ludicidade. Para aproveitar “o potencial do jogo como recurso para o desenvolvimento infantil, não poderemos contrariar sua natureza, que requer a busca do prazer, a alegria, a exploração livre e o não-constrangimento” (KISHIMOTO, 2003, p.44).

Desde os primeiros anos de vida, os jogos e brincadeiras são nossos mediadores na relação com as coisas do mundo. Do chocalho ao videogame, aprendemos a nos relacionar com o mundo através dos jogos e brincadeiras. Por este motivo, o jogo tem um papel de destaque na educação, pois ele é a base do desenvolvimento cognitivo e afetivo do ser humano (HAETINGER, 2005, p. 82).

Neste sentido, Santos (2000, p. 37) adverte que o jogo na escola ganha espaço como ferramenta ideal da aprendizagem, na medida em que propõe estímulo ao interesse do aluno, desenvolve níveis diferentes de sua experiência pessoal e social, ajuda-o a descobrir novas descobertas, desenvolve e enriquece sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva ao professor a condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem.

[...] a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa. O jogo é, portanto, sob suas duas formas essenciais de exercício sensorio-motor e de simbolismo, uma assimilação do real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu (PIAGET, 1975, p. 37).

Para Pedroza (2005, p. 2), os jogos, além de proporcionar prazer e desprazer, favorecem o desenvolvimento das pessoas:

Os jogos e as brincadeiras são uma forma de lazer no qual estão presentes as vivências de prazer e desprazer. Representam uma fonte de conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo, contribuindo para o desenvolvimento de recursos cognitivos e afetivos que favorecem o raciocínio, tomada de decisões, solução de problemas e o desenvolvimento do potencial criativo.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998) afirma que, por ser tão importante para o desenvolvimento das crianças o jogo (ou lúdico) é um assunto de interesse para os profissionais da educação:

O jogo tornou-se objeto de interesse de psicólogos, educadores e pesquisadores como decorrência da sua importância para a criança e da ideia de que é uma prática que auxilia o desenvolvimento infantil, a construção ou potencialização de conhecimentos (BRASIL, 1998, p.210).

A educação lúdica para Almeida (1995, p. 41), contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio. É importante destacar que os jogos e as atividades lúdicas ao serem utilizadas pelo educador no espaço escolar, devem ser devidamente planejados. Assim, Antunes (1998, p. 37), aponta que:

Jamais pense em usar jogos pedagógicos sem um rigoroso e cuidadoso planejamento, marcado por etapas muito nítidas e que efetivamente acompanhem o processo dos alunos, e jamais avalie qualidade do professor pela quantidade de jogos que emprega, e sim, pela qualidade dos jogos que se preocupou em pesquisa e selecionar.

O educador não precisa ensinar a criança a brincar, pois este é um ato que acontece espontaneamente, mas sim planejar e organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada, propiciando às crianças a possibilidade de escolher os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar. Dessa maneira, poderão elaborar de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais (BRASIL, 1998, p. 29).

4.3 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NA INSTITUIÇÃO

Aos treze dias do mês de setembro do ano de dois mil e quatorze, foi dado início às atividades referentes ao Componente Curricular Estágio Supervisionado III em Ensino Fundamental, com encontro presencial com a professora orientadora, com o intuito de repasses importantes para o conhecimento de como realizar este importante estágio em sala de aula.

No dia 22/09/2014 foi realizada a primeira visita à sala do campo de estágio. Durante a visita, podemos observar que a sala de aula conta com um ambiente de interação e aprendizado para a criança; as paredes possuem decoração com tabela numérica, vogais, formas geométricas, alfabeto ilustrado, personagens infantis, varal com atividades realizadas em sala, calendário mensal e quadro com os dias da semana, alterados diariamente, servindo de orientação para os alunos.

Um espaço que não agrada e que causa desconforto para o aluno pode trazer resultados negativos na educação, como continua explicando Prá (2011):

Se o espaço escolar não for o espaço estimulador, envolvente e que desperte o interesse das crianças de alguma forma elas tentarão demonstrar suas insatisfações. Essas insatisfações podem ser expressas em seus comportamentos, na forma como se relacionam uns com os outros e com a educadora. Já sabemos que a falta de atividades significativas, espaço e brinquedo adequados para brincar gera ansiedade e agitação.

Um trabalho de qualidade para as crianças pequenas exige ambientes acolhedores, seguros, estimulantes, desafiadores, criativos, alegres e divertidos, onde as atividades elevem sua autoestima, valorizem e ampliem as suas experiências e seu universo cultural, agucem a curiosidade, a capacidade de pensar, de decidir, de atuar, de criar, de imaginar, de expressar. Ambientes que se abram à brincadeira, que é o modo como as crianças dão sentido ao mundo, produzem história, criam cultura, experimentam e fazem arte (CORSINO, 2009).

A professora se apresenta muito atenciosa para com os alunos, utilizando diversas formas de transmitir seus conhecimentos. A mesma possui experiência em sala de aula, com cerca de vinte anos educando por amor.

No primeiro dia de observação, a professora iniciou a aula perguntando sobre o final de semana das crianças. Depois foi até o calendário e pergunta qual é o dia da semana, a data e o ano; as crianças responderam corretamente.

Começou a contar a história Chapeuzinho Vermelho e deixou as crianças atentas, interagindo com o enredo do conto. Logo após, colocou pequenos trechos da história no quadro e pediu para os alunos lerem; foi possível notar que alguns alunos ainda sentem dificuldade na leitura. Com estes trechos do conto apresentado, a professora trabalhou os sinais de

pontuação, apresentando a diferença de uma frase interrogativa, exclamativa ou apenas com um ponto final. Logo após, apresentou mais trechos da história e pediu para as crianças identificarem qual o sinal que devem utilizar. A professora colou desenhos no quadro e pediu para as crianças formarem frases com os sinais estudados. Podemos perceber que a professora utilizou diversos materiais didáticos, tornando sua aula dinâmica, proporcionando uma maior aproximação do aluno com o conteúdo exposto.

Ao entregar a atividade, notamos que há uma criança que apresenta deficiência intelectual e física; a mesma não consegue realizar as atividades de modo igual com os demais colegas, pois apenas consegue cobrir pontilhados, colorir e colar. A deficiência intelectual não é considerada uma doença ou um transtorno psiquiátrico, e sim um ou mais fatores que causam prejuízo das funções cognitivas que acompanham o desenvolvimento diferente do cérebro (HONORA & FRIZANCO, 2008, p. 103).

Em conversa com a professora, a mesma afirmou que o aluno não frequenta a sala do AEE – Atendimento Educacional Especializado, o que dificulta ainda mais seu desenvolvimento.

O AEE complementa e/ou suplementa a formação do aluno, visando a sua autonomia na escola e fora dela, constituindo oferta obrigatória pelos sistemas de ensino. É realizado, de preferência, nas escolas comuns, em um espaço físico denominado Sala de Recursos Multifuncionais. Portanto, é parte integrante do projeto político pedagógico da escola (SEESP/ SEED/ MEC, 2010, p. 17).

A professora ao entregar as atividades às crianças, solicitou que fizessem o nome próprio e logo após, foi explicando a atividade com calma e paciência. Após o intervalo, a professora explicou a atividade de casa e aproveitou para revisar o conteúdo dos sinais de pontuação. A mesma entregou a atividade e pediu para que os alunos pintassem, fizessem o nome e foi chamando individualmente para tomar a leitura da atividade de casa.

Durante o momento da leitura, foi observado que as crianças fazem barulho, atrapalhando o desempenho dos colegas. Devido a turma ser numerosa e gostarem muito de conversar, além da carência de não possuir um professor auxiliar, a professora sente dificuldade em tomar a leitura e manter o restante dos alunos em silêncio. No segundo dia de observação, a professora iniciou a aula retomando a atividade de casa fazendo uma leitura coletiva do texto. Logo após, pediu para pintarem de amarelo apenas os nomes ‘Cirilo’ presentes no texto; alguns alunos sentiram dificuldade em realizar. Depois, com a cor vermelha, os alunos deveriam pintar o nome ‘Célio’. A professora para ensinar o conteúdo dos numerais, contou a história de José e Maria. No decorrer da história, foi mostrando os

demais números. Ensinou as dezenas. Desenhou umas bandeiras e colocou alguns numerais, pedindo para os alunos identificarem. A professora revisou os numerais até 100, com a tabela numérica exposta na lousa e pediu para os alunos realizarem a atividade no livro didático.

No terceiro dia de observação, os alunos revisaram os sinais de pontuação e puderam produzir frases utilizando-os adequadamente. Durante uma roda de leitura, foi retomada a história de Chapeuzinho Vermelho e a professora ressaltou os sinais presentes no enredo. Após o intervalo, puderam realizar atividade no caderno sobre os numerais 40 a 69. Logo após a atividade, os alunos foram conduzidos para a sala de vídeo, haja vista que semanalmente, há um cronograma com os horários das turmas a fim de assistirem um DVD de suas escolhas.

No próximo dia observação, os conteúdos foram a explicação do dígrafo rr e numerais de 20 a 100. Como metodologia, a professora levou embalagens de macarrão, a fim de os alunos trabalharem o dígrafo além dos numerais, através do preço, datas de fabricação e validade, quantidade de nutrientes, dentre outros dados. Os alunos gostaram muito desta forma de aprender, saindo um pouco das aulas cotidianas.

No último dia destinado a observação, a professora revisou o dígrafo rr a partir da leitura coletiva do texto “A Corrida”. Logo depois, entregou uma atividade sobre o tema revisado. Após o intervalo, as crianças receberam livros de historinhas infantis, enquanto a professora tomava a leitura da atividade de casa individualmente.

É importante salientar que diariamente podemos perceber que a professora trabalha a leitura com as crianças de modo individual, tentando assim superar as inúmeras dificuldades ainda presentes. Durante conversa com a professora, a mesma afirma que dentre seus alunos, alguns ainda apresentam bastante dificuldade na leitura, seja pela preguiça de ler para treinar, como também devido a falta de acompanhamento com os familiares. Na perspectiva de Vygotsky (1984, p.87),

A educação recebida, na escola, e na sociedade de um modo geral cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos, a atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente o comportamento da criança na escola.

O interesse e participação familiar são fundamentais. A escola necessita saber que é uma instituição que completa a família, e que ambos precisam ser um lugar agradável e afetivo para os alunos/filhos. Os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno (TIBA, 1996 p.140).

Após o período de observações e conhecer bem os alunos, que para Vasconcellos (1993), conhecer a realidade dos educandos implica em fazer um mapeamento, um levantamento das representações do conhecimento dos alunos, é chegado o momento de planejar a semana destinada à regência, com o desenvolvimento de um projeto. Neste caso, o tema escolhido foi “Jogos educativos: aprender de forma divertida”.

Para Moretto (2007), planejar é organizar ações. Essa é uma definição simples, mas que mostra uma dimensão da importância do ato de planejar, uma vez que o planejamento deve existir para facilitar o trabalho tanto do professor como do aluno. O planejamento deve ser uma organização das ideias e informações.

Para Oliveira (1997) o ato de planejar exige alguns aspectos básicos a serem considerados como: o conhecimento da realidade daquilo que se deseja planejar, quais as principais necessidades que precisam ser trabalhadas, para que o planejador as evidencie faz-se necessário fazer primeiro um trabalho de sondagem da realidade daquilo que ele pretende planejar, para assim traçar finalidades, metas ou objetivos daquilo que está mais urgente de se trabalhar. As ideias que envolvem o planejamento são amplamente discutidas nos dias atuais, mas um dos complicadores para o exercício da prática de planejar parece ser a compreensão de conceitos e o uso adequado dos mesmos.

Visando aliar o lúdico ao ensino-aprendizagem é que se justifica a escolha desta temática. Tendo em vista que muitos alunos ainda sofrem a carência de informações sobre as disciplinas vivenciadas em sala de aula, buscamos de modo inovador, trabalhar de forma diferente, favorecendo os novos conhecimentos e encurtar o caminho entre o aluno e os conteúdos.

Toda a aprendizagem partiu do conhecimento prévio dos alunos. Para Freire e Campos (*apud* Gasparin, 2009, p. 14) “o ensino deve sempre respeitar os diferentes níveis de conhecimento que o aluno traz consigo à escola. Tais conhecimentos exprimem o que poderíamos chamar de identidade cultural do aluno [...]”.

O lúdico é extremamente importante para o desenvolvimento do ser humano, então pode auxiliar na aquisição de novos conhecimentos, em sala de aula, facilitando muito no processo ensino-aprendizagem. É através de atividades lúdicas, que “o educando explora muito mais sua criatividade, melhora sua conduta no processo de ensino-aprendizagem e sua autoestima” (NEVES, 2008).

No primeiro dia de regência, iniciamos a aula com uma conversa informal sobre o motivo de estarmos ali. Falamos que escolhemos aquela sala para estagiar devido o comportamento das crianças que ali frequentam. Logo após, perguntamos se eles gostavam de

brincar com jogos educativos, eles logo disseram que sim. Disseram que a professora sempre traz para sala de aula alguns jogos presentes na brinquedoteca da escola.

Durante uma visita a escola, podemos conhecer a brinquedoteca, sendo esta de pequeno porte, não sendo possível abrigar todos os alunos no momento da brincadeira. Em conversa com a diretora escolar, a mesma afirma que as professoras pouco se interessam em buscar materiais pedagógicos ali presentes, sendo um espaço pouco utilizado pelos docentes daquela instituição.

Após conversa com os alunos, os mesmos receberam um jogo baseado em formar palavras. As crianças inicialmente coloriram, depois recortaram e brincaram individualmente ou com os colegas. As crianças demonstraram muita satisfação, pois sempre formavam palavras diferentes uns dos outros. No segundo dia, 21/10/2014, realizamos uma revisão com os numerais já estudados utilizando a tabela numérica de 0 a 100. Através de atividade xerocada, os alunos puderam completar o quadro com os numerais que faltavam e resolver pequenas contas de subtração e adição.

No dia 22/10/2014, o terceiro dia de regência, falamos a respeito dos animais, da importância de cuidar bem deles, de não maltratá-los. Logo após, as crianças puderam brincar com um jogo de memória confeccionado por eles mesmos. O jogo consistia em reconhecer o animal e identificar seu nome na outra peça. Para finalizar, se divertiram com o jogo da memória dos animais e seus filhotes, pertencente a brinquedoteca da escola. As crianças ficaram muito felizes porque foram presenteados com o joguinho e puderam levar para casa a fim de estender esta nova metodologia aos familiares e amigos.

No dia 23/10/2014, a quarta aula, foi iniciada com uma conversa informal a respeito dos jogos presentes em celulares e computador. Os alunos foram conduzidos ao laboratório de informática, onde puderam se divertir e aprender de forma inovadora, a partir da utilização dos computadores, pouco utilizados pelas professoras, segundo a diretora escolar. Os alunos se agruparam em dupla e puderam se divertir bastante com os jogos divididos nos mais variados conhecimentos, como: língua portuguesa, matemática, história, geografia e ciências.

No último dia da docência, foi realizada uma recordação de tudo que havíamos conversado e vivenciado durante a semana. Para finalizar o estágio e nos confraternizarmos com as crianças, foi realizado um bingo numérico que tinha como brinde uma caixa de chocolates. Foi muito divertido e diante das limitações de conhecimentos, tendo em vista que algumas crianças apresentam dificuldades em reconhecer os numerais, se empenharam bastante para obter o prêmio.

As atividades que foram desenvolvidas dentro de sala de aula foram bastante construtivas com relação à temática da educação, como em lidar com uma criança com deficiência, nunca vivenciado por mim. Sabemos que as dificuldades existem, mas podemos ter uma visão muito clara do que é a docência e a importância de uma boa educação, baseada no lúdico.

Durante o estágio, o futuro professor passa a enxergar a educação com outro olhar, procurando entender a realidade da escola e o comportamento dos alunos, dos professores e dos profissionais que a compõem (JANUARIO, 2008).

O Estágio Supervisionado é uma atividade essencial na construção da identidade do professor, pois é um momento especial para o aluno se identificar com a etapa, além de perceber os inúmeros desafios presentes na profissão docente, proporcionando benefícios para a aprendizagem, como a melhoria na forma de ensinar, deixando a teoria de lado e pondo em prática todos os conhecimentos adquiridos na graduação.

Acreditamos também que o estágio supervisionado é fundamental, pois apresenta de forma clara a vivência do professor em sala, dando espaço ao estagiário provar da realidade, bem como receber conselhos e sugestões de alguém que já atua por mais tempo na área, evitando assim que o mesmo entre com expectativas falsas e se decepcione com a profissão.

5 BRINQUEDOTECA: parte da escola essencial para o processo de ensino-aprendizagem

Baseado no que foi realizado até o momento, tendo em vista a compreensão de que a educação lúdica favorece de forma ativa o processo de ensino-aprendizagem da criança, decidimos trabalhar acerca do tema “*A brinquedoteca no ambiente escolar como espaço mediador de aprendizagens*”, pois neste ambiente, podemos inovar nossas aulas sendo favorável a adoção desta prática a fim de oferecer aos discentes, um desenvolvimento maior e melhor, seja cognitivo, motor, social ou afetivo. Visto que é no interagir da criança com a criança, através dos brinquedos e brincadeiras lá presentes, que são despertados a curiosidade, a coletividade, a autoconfiança e a autonomia, o aluno passa a ganhar mais maturidade, sendo o brincar indispensável para o desenvolvimento total do ser humano.

5.1 BREVE HISTÓRIA SOBRE A BRINQUEDOTECA

Na antiguidade, Platão e Aristóteles já pensavam o brinquedo na educação, associando a ideia de estudo ao prazer. Para Aristóteles, o jogo é uma atividade que toma a si mesma como fim, ou seja, teria o papel de recreação: descanso do espírito. Já Platão, tinha uma visão do brincar mais voltada para a aprendizagem e para o social. Ressaltava a importância de aprender brincando, em oposição à utilização da violência e da repressão (TEIXEIRA, 2010).

De acordo com algumas leituras realizadas sobre o tema, a brinquedoteca surgiu no ano de 1934, nos Estados Unidos, mas propriamente em Los Angeles, devido um proprietário de um comércio de brinquedos sofrer com frequentes roubos provenientes de crianças de uma escola próximo ao seu estabelecimento. Assim, foi analisada a situação e o empresário juntamente com o diretor tiraram a conclusão que o fato acontecia devido a escassez de brinquedos na vida de suas crianças. Então, o diretor decidiu criar um espaço com alguns brinquedos, em que as crianças podiam brincar e leva-los emprestado para casa, resolvendo assim o problema enfrentado pelos alunos e o lojista.

Em alguns países como o Canadá e a Austrália, a brinquedoteca passou a ser um Centro de Recursos para a Família. Como mães, tias, avós e avós acompanham as crianças, começou a ser aproveitada a oportunidade do encontro, para estabelecer um relacionamento proveitoso e passar algumas orientações sobre questões relativas à saúde, educação e melhor utilização dos recursos que a comunidade oferece (SANTOS, 2001, p.45).

Em 1959, a importância do brincar foi reconhecida mundialmente, conforme descrito no Princípio 7º da Declaração Universal dos Direitos da Criança, (1959) afirmando que "a criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a atividades recreativas, que devem ser orientadas para os mesmos objetivos da educação; a sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se por promover o gozo destes direitos". Daí, a partir da década de 60, ocorreu uma maior expansão da brinquedoteca, com expansão em vários países com denominações diferentes, tais como na Inglaterra (Toy-Library [biblioteca de brinquedo]), França (Ludothèque) e Suécia (Lekoteks)

Conforme Noffs (2001, p. 163), na Suécia, em 1963, "duas professoras que tinham filhos deficientes fundaram, neste país, a primeira lekotek (*ludoteca* em sueco)", com intenção de empréstimo e orientação ao uso de brinquedos às famílias que possuíam pessoas com deficiência.

Em 1979, com o reconhecimento da importância do brincar e do brinquedo para o desenvolvimento da criança, realizou-se em Londres o primeiro congresso sobre o trabalho iniciado com empréstimo de brinquedos. O espaço da brinquedoteca nasceu logo após, por volta dos anos 80, denominada de brinquedoteca ou ludoteca, com o objetivo atual, correspondente a utilizar o espaço para que as crianças pudessem brincar.

Conforme Ramalho (2000, p. 76), na Escola Indianópolis, em São Paulo, foi instituída a primeira brinquedoteca brasileira, com propósitos voltados ao ato de brincar, com empréstimos de brinquedos e orientação direcionada à criança, com assistência direta.

De acordo com Cunha (1997), a brinquedoteca brasileira se diferencia das ludotecas e das Toy Libraries, porque estas têm o trabalho voltado para o empréstimo de brinquedos, ao passo que, na brinquedoteca brasileira, o objetivo é que a criança brinque, entre em contato com uma diversidade de brinquedos que promovem desenvolvimento e aprendizagem.

5.2 A BRINQUEDOTECA E O LÚDICO: peças principais para a aquisição de conhecimento

O brincar e o jogar são atos indispensáveis a vida do ser humano, seja ele na infância ou na fase adulta, pois sabemos do prazer que a brincadeira proporciona, favorecendo à saúde física, emocional e intelectual.

Neste sentido, é através do lúdico que a criança desenvolve a linguagem, a socialização, a iniciativa flui naturalmente, preparando-se para as futuras fases de sua vida, formando um adulto capaz de enfrentar desafios e participar na construção de um mundo melhor. Segundo Rodrigues (1999), a concepção tradicional considera a criança como um

recipiente vazio que deve o professor enchê-lo. A partir de 1930, desenvolve-se a questão interacionista representada pelo construtivismo. Sob esta ótica surge a importância do simbólico enquanto processo de aprendizagem, neste inclui-se o brinquedo. Brincar é natural e faz parte do desenvolvimento humano. O faz de conta mostra a realidade e são formas encontradas pela criança de assimilar, atuar e mudar, contribuindo para seu desenvolvimento psíquico.

Segundo Piaget (1967), “o jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para desgastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral”. Através dele se processa a construção de conhecimento, principalmente nos períodos sensório-motor e pré-operatório. Agindo sobre os objetos, as crianças, desde pequenas, estruturam seu espaço e seu tempo, desenvolvendo a noção de casualidade, chegando à representação e, finalmente, à lógica. As crianças ficam mais motivadas para usar a inteligência, pois querem jogar bem, esforçam-se para superar obstáculos tanto cognitivos como emocionais.

Ao ingressar na escola, a criança passa a viver uma nova fase em sua vida. Atualmente, a vida escolar da criança vem iniciando cada vez mais cedo, devido as famílias trabalharem fora, necessitam de um acolhimento alternativo, mesmo, muitas vezes sem a total adaptação da criança ao novo ambiente.

Entretanto, Santana (1995) afirma que frequentar uma escola que seja suficientemente boa é uma experiência valiosa para as crianças. O autor também refere que a verdadeira função da escola diz respeito ao seu papel essencial no desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais.

Na concepção de Santos (1995, p.9), “o brinquedo, o jogo e a brincadeira são veículos do crescimento das crianças, possibilitando a esta explorar o mundo, descobrir-se, entender-se e posicionar-se em relação a si mesma e à sociedade de uma forma natural”. Estes três elementos são fundamentais no processo de desenvolvimento cognitivo, motor e social da criança. Devem fazer parte das estratégias de ensino e aprendizagem dos professores.

Neste sentido, Cunha (2001, p. 16) afirma que, a brinquedoteca é um espaço criado para favorecer a brincadeira, aonde a criança e os adultos vão para brincar, com todo o estímulo à manifestação de potencialidades e necessidades lúdicas. E ainda, muitos brinquedos, jogos variados e diversos materiais que permitem expressão da criatividade. Desta forma, a autora disserta que a brinquedoteca propicia a construção do saber, sendo uma deliciosa aventura, na qual a busca pelo saber é espontânea e prazerosa.

Entende-se que a brinquedoteca, seja um local em que o lúdico prevaleça, que a brincadeira dê espaço à criança tímida a se soltar e deixar a imaginação fluir, conseguindo assim uma maior aproximação com os demais colegas e professores, favorecendo a relação afetiva entre todos. Nesse sentido Santos (1997, p. 21) enfatiza que:

A brinquedoteca é uma nova instituição que nasceu neste século para garantir à criança um espaço destinado a facilitar o ato de brincar. É um espaço que caracteriza por possuir um conjunto de brinquedos, jogos e brincadeiras, sendo um ambiente agradável, alegre e colorido, onde mais importante que os brinquedos é a ludicidade que estes proporcionam.

Para a organização de uma brinquedoteca, os objetivos são enumerados como principais finalidades do trabalho nela desenvolvidos, descritos a seguir, conforme Santos (1997, p.14):

Proporcionar um espaço onde a criança possa brincar sossegada, sem cobranças e sem sentir que está atrapalhando ou perdendo tempo; estimular o desenvolvimento de uma vida interior rica e da capacidade de concentrar a atenção; estimular a operatividade das crianças; favorecer o equilíbrio emocional; dar oportunidade a expansão de potencialidades; desenvolver a inteligência, criatividade e sociabilidade; proporcionar acesso a um número maior de brinquedos, de experiências e de descobertas; dar oportunidade para que aprenda a jogar e a participar; incentivar a valorização do brinquedo como atividade geradora de desenvolvimento intelectual, emocional e social; enriquecer o relacionamento entre as crianças e suas famílias; valorizar os sentimentos afetivos e cultivar a sensibilidade.

Sabendo que o brinquedo é um objeto facilitador do desenvolvimento das atividades lúdicas, que desperta a curiosidade das crianças, exercita a inteligência e permite a imaginação e a invenção, portanto, a brinquedoteca, neste contexto, surge como um aliado à escola, com a proposta de auxiliar às crianças a formarem seu conceito do mundo, onde a afetividade é acolhida, a criatividade estimulada, os direitos da criança respeitados, e ainda oferece suporte pedagógico. Nesse sentido concordamos com Moyles (2002) que afirma que em todas as idades “o brincar é realizado por puro prazer e diversão e cria uma atitude alegre em relação à vida e à aprendizagem” (MOYLES, 2002, p. 21).

A brinquedoteca é um espaço preparado para estimular a criança a brincar, possibilitando o acesso a uma grande variedade de brinquedos, dentro de um ambiente especialmente lúdico. É um lugar onde tudo convida a explorar, a sentir, a experimentar. Quando uma criança entra na brinquedoteca deve ser tocada pela expressividade da decoração, porque a alegria, o afeto e a magia devem ser palpáveis. Se a atmosfera não for encantadora não será uma brinquedoteca. Uma sala cheia de estantes com brinquedos pode ser fria, como são algumas bibliotecas. Sendo um ambiente para estimular a criatividade, deve ser preparado de forma criativa, com espaços que incentivem a brincadeira de "faz de conta", a dramatização, a construção, a solução de problemas, a socialização e a vontade de

inventar: um camarim com fantasias e maquilagem, os bichinhos, jogos de montar, local para os quebra-cabeças e os jogos (CUNHA, 2010, p. 36-37).

Santos (1997, p. 15) relata que,

[...] uma brinquedoteca não significa apenas uma sala com brinquedos, mas em primeiro lugar, uma mudança de postura frente à educação. É mudar nossos padrões de conduta em relação a criança; é abandonar métodos e técnicas tradicionais; é buscar o novo, não pelo modernismo, mas pela convicção do que este novo representa; é acreditar no lúdico como estratégia do desenvolvimento infantil [...].

Lima e Delmônico (2010, p. 1), também defendem a brinquedoteca como um espaço que privilegia o brincar e o lúdico como aspectos importantes para a construção da aprendizagem bem como para a construção da identidade e alcance de autonomia. Um ambiente que acolhe e promove estímulo adequado para o desenvolvimento de habilidades e capacidades da criança em seu contexto histórico-social e cultural.

5.3 A BRINQUEDOTECA DO CAMPO DE ESTÁGIO

A brinquedoteca da escola escolhida para realizar este estudo foi criada no ano de 2012, com recursos do Programa Mais Educação, visando o trabalho com o lúdico tanto durante as oficinas do referido programa quanto com os demais docentes e alunos na instituição.

A seguir, apresentamos os materiais que compõem a brinquedoteca da referida instituição: Teatro; mesa com 8 cadeiras pequenas para crianças; alfabetos ilustrados; lotos leituras; kit de fantoche de histórias infantis, como chapeuzinho vermelho e Os 03 Porquinhos; kit de dedoches de João e Maria, palhaço, Os 03 Porquinhos, A Gata Borracheira, Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho; jogos 5 em 1; soletrando; castelo de leitura; torre inteligente; jogos das letras; bingo dos sons iniciais; dominó dos animais; blocos lógicos; pegas varetas; sólido geométrico; cubo tátil; varais das letras; alfabetos numéricos; relógio; ábacos; dominós de adição, subtração, multiplicação e divisão; fazendas cálculos; futebol de pinos; bate martelo; pequeno engenheiro; caixa colorida; casinha de boneca; jogo de argolas; tangram; quadro de atividades; 01 memória numérica quantitativa; memória alfabetização; memória adição e subtração; memória plural e singular; dominó contemplando a história; material dourado; sequência lógica derivada; escala cuisinare; tabuleiro de futebol; carrinhos com formas geométricas; equilibrando; xadrez; carrinho ábaco e carrinho transgeométrico.

Diante da inúmera variedade de materiais existentes na brinquedoteca, de acordo com a gestora da escola, ainda existe muita resistência por parte das docentes em utilizarem tanto os materiais como o espaço da brinquedoteca. A gestora afirma que durante reuniões pedagógicas, sugere a utilização dos materiais, mas algumas alegam que devido a correria diária, acaba não sobrando tempo para utilizar a brinquedoteca no seu planejamento. Neste sentido, percebendo o reconhecimento da importância da brinquedoteca como espaço mediador de aprendizagem durante a leitura da coleta de dados, decidimos trabalhar esta temática a fim de motivar e apresentar uma visão pedagógica da brinquedoteca, capaz de fazer uma total diferença no dia a dia nas salas de aulas.

5.4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de campo e qualitativa, com o objetivo de conhecer a importância da brinquedoteca no ambiente escolar como espaço mediador de aprendizagens, sob o ponto de vista de uma Escola da Rede Municipal de Guarabira-PB.

Justamente nesta perspectiva é que a pesquisa qualitativa refere-se a um trabalho empírico, por meio do desenvolvimento de uma pesquisa de campo que visa reunir e organizar um conjunto comprobatório de informações, sendo que as informações retiradas desta pesquisa são documentadas, abrangendo qualquer tipo de informação disponível, escrita, oral, gravada ou filmada, que se preste para fundamentar o relatório do caso que será, por sua vez, objeto de análise crítica pelos informantes ou qualquer interessado (CHIZZOTTI, 2003).

Participaram dessa pesquisa doze professoras titulares de sala do Ensino Fundamental I, atuantes com crianças de seis a quatorze anos de idade, aproximadamente, levando em consideração as distorções de série x idade. As entrevistadas são todas do sexo feminino, tendo formação em Pedagogia ou áreas como Matemática, História e Geografia.

Com finalidade de entender a concepção de cada professora acerca da importância da brinquedoteca no espaço escolar, realizamos a coleta de dados por meio de um questionário com sete questões abertas. A distribuição foi realizada de acordo com o turno de trabalho e no ato da entrega, combinado o dia para o recebimento, com prazo de um dia útil. A maioria das professoras aceitou a ideia de forma positiva e natural, sendo rápidas na devolução, no entanto, algumas profissionais alegaram esquecimento várias vezes, chegando a levar quatro dias úteis para a entrega. Com o intuito do alcance dos objetivos da pesquisa a fim de conseguir as informações necessárias, utilizamos consulta bibliográfica para obter

embasamento teórico a fim de nos aprofundarmos sobre o tema escolhido e a aplicação de questionários contendo sete questões subjetivas, para que assim possamos obter a opinião das professoras em relação ao reconhecimento sobre o assunto abordado.

5.5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADO

Sabendo da importância de manter o sigilo e não divulgar os nomes das professoras entrevistadas, iremos tratar com os códigos de P₁ até P₁₂, conforme a apresentação de suas ideias, considerando as informações obtidas a partir do instrumento para coleta de dados (questionário).

A entrevista, de um modo geral, é a técnica mais usada nas pesquisas qualitativas. Em sentido genérico, pode-se considerar entrevista todo ato de comunicação verbal. Em sentido estrito é considerada a colheita de informações sobre determinado tema (MINAYO, 1994).

Ao questionar as professoras do caráter pedagógico da brinquedoteca (1-Você acredita que a brinquedoteca tem algum caráter pedagógica? Por quê?), a docente P₄ afirmou “Sim. Porque é um ambiente onde as crianças brincam e aprendem ao mesmo tempo, ajudando no desenvolvimento, na socialização e na convivência com regras e limites”. Dentre todas as respostas, esta foi a que mais se aproximou do real que pretendíamos obter. No entanto, as demais docentes citaram a brinquedoteca importante “pois nela encontramos brinquedos que podem ser inseridos nos conteúdos trabalhados. Basta planejar” (P₁₁), apontando a importância do planejamento principalmente nestes momentos, que docentes podem imaginar que para o lúdico não é necessário planejar.

Para Gandin (2007) a experiência não vem de se ter vivido muito, mas de se ter refletido intensamente sobre o que se fez e sobre as coisas que aconteceram. Para que as aulas tenha significado e os professores tenham sucesso no seu trabalho e necessário que façam a ação reflexão do trabalho que desenvolve com seus alunos tentando buscar a melhora.

A resposta da professora P₇, também chamou atenção pela completude, afirmando que “Sim, porque [a brinquedoteca] ajuda a criança a formar um conceito de mundo onde a afetividade é acolhida, a criatividade estimulada e os direitos da criança respeitados e auxilia como suporte pedagógico”.

Quando a professora se refere aos “direitos da criança respeitados”, a mesma se refere às inúmeras leis, como já nos referimos antes, que garante o direito da criança ao brincar.

A brincadeira, no RCNEI, é concebida como “[...] uma linguagem infantil que mantém um vínculo com aquilo que é o ‘não-brincar’” (BRASIL, 1998, v. 2, p. 27), ocorrendo, com elementos da imaginação, do uso de simbolismos, da linguagem simbólica.

Contudo, as docentes ainda acrescentaram a importância do lúdico como forma atrativa para o processo de ensino-aprendizagem; o entendimento da brinquedoteca como “um local que propicia a construção e reelaboração de aprendizagens” (P₁₂); falaram também sobre a importância de ter uma variedade de materiais na brinquedoteca e, por fim, a opinião da professora P₈ que se referiu afirmando que “além de oferecer alguns materiais concretos para facilitar a aprendizagem de alguns conteúdos, ajudando ao professor a melhorar a sua didática”.

Cunha (2001, p. 91 e 94) cita que “a brinquedoteca é um contexto bem diferente de uma escola, pelo fato de não haver cobranças, mas sim, uma preocupação em atender às necessidades afetivas e ao interesse das crianças”, e conseqüentemente, o desenvolvimento de suas potencialidades e criatividade.

Com relação ao segundo questionamento, as professoras foram indagadas sobre qual a possibilidade didática que a brinquedoteca oferece. Analisando algumas respostas, podemos apresentar as que mais se aproximaram do contexto pretendido:

P₉ – Além de facilitar a aprendizagem, exercita a inteligência e permite a imaginação.

P₆ – São inúmeras, desde a socialização até o ato de ler, escrever e contar.

P₁₀ – O brinquedo é o objeto da brincadeira e é através do brincar que a criança cria zona proximal, um grande salto para o desenvolvimento da aprendizagem.

Partindo da resposta da docente P₁₀, que se referiu sobre a importância da brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento, a mesma utilizou conceitos de Vygotsky (1991) que ressalta que a brincadeira cria as zonas de desenvolvimento proximal e que estas proporcionam saltos qualitativos no desenvolvimento e na aprendizagem infantil. Elkonin (1998) e Leontiev (1994) ampliam esta teoria afirmando que durante a brincadeira ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico infantil. Para estes autores a brincadeira é o caminho de transição para níveis mais elevados de desenvolvimento.

É sabido da função primordial que o brincar exerce na vida da criança, para o seu crescimento e sua felicidade. No entanto, sabemos que o brincar desempenha diversas funções que contribuem muito mais para o crescimento nesta fase.

A brincadeira, seja simbólica ou de regras, não tem apenas um caráter de diversão ou de passatempo. Pela brincadeira a criança, sem a intencionalidade, estimula uma série de aspectos que contribuem tanto para o desenvolvimento individual do ser quanto para o social. Primeiramente a brincadeira desenvolve os aspectos físicos e sensoriais. Os jogos sensoriais, de exercício e as atividades físicas que são promovidas pelas brincadeiras auxiliam a criança a desenvolver os aspectos referentes à percepção, habilidades motoras, força e resistência e até as questões referentes à termorregulação e controle de peso (SMITH, 1982).

Com relação à questão três, teve-se a preocupação de levantar a opinião docente no que diz respeito ao conceito do lúdico. Nesta, todas as professoras citaram como peça principal do lúdico o prazer em brincar, os jogos e a diversão.

A professora P₈, se referiu de forma que abrangeu todas as respostas em uma só, quando respondeu que “o lúdico é você procurar sair da rotina, buscando maneiras diversificadas para trabalhar os conteúdos, com jogos e materiais concretos”.

Segundo a teoria vygotskyana (1998) o brinquedo é de grande importância para o desenvolvimento da criança, pois, através dele a criança internaliza regras, cria conceitos e conhece o mundo da maneira que mais gosta que é brincar, pois as maiores possibilidades de desenvolvimento das crianças está no brinquedo.

Na quarta questão, as professoras foram indagadas sobre o que é brincar. Todas as entrevistadas destacaram sua opinião sobre a importância da diversão, aliando à ideia do que é fundamental o lúdico na vida da criança. Segundo a professora P₁₀, brincar consiste em uma “atividade espontânea, predominante na infância que colabora com a aprendizagem e é eficaz em alunos com déficit”.

Em relação à sua opinião, discordamos quando a mesma afirma que o brincar seja “predominante na infância”, pois é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem na sua liberdade de criação, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (WINNICOTT, 1975, pp.79-80).

Com relação ao papel do adulto no brincar, Chateau (1987) descreve que em determinada época, dos três aos sete anos, a criança solicita que o adulto participe de sua brincadeira. A criança acredita que o adulto mesmo com sua superioridade não passa de uma criança grande. Com o passar do tempo, a situação se modifica; a criança deixa de solicitar a presença do adulto em seus jogos, pois já percebeu a distância que existe entre ambos.

Para Machado (1994), o papel do adulto na brincadeira com a criança consiste em propiciar um ambiente facilitador de descobertas e crescimento através da utilização dos movimentos com o corpo, dos sentidos e da liberdade para brincar.

Valesco (1996) também defende a presença do adulto na brincadeira e afirma que é de suma importância que o adulto brinque junto com a criança, desde que ele saiba como brincar, quais os brinquedos que pode oferecer em cada faixa etária e saber intervir nas brincadeiras nos momentos certos, propondo problemas para a criança resolver. Com estas atitudes o adulto estará propiciando condições para que a criança aprenda e evolua cada vez mais.

Na quinta questão, procurou-se saber das professoras de que forma a brinquedoteca auxilia no desenvolvimento dos alunos. Todas enfatizaram a importância do espaço no desenvolvimento da criança, abordando pontos como: “auxilia na capacidade de autonomia, na formação da identidade, na memória e principalmente na evolução da imaginação” (P₇); “na coordenação motora, na socialização, leitura, escrita e a conviver em grupo” (P₅); “de várias formas social, em que ele vai interagir com o grupo, o saber perder, ganhar, obedecendo regras, ou seja, desenvolvendo-se como um todo” (P₁); “utilizar os brinquedos como um recurso é aproveitar a motivação das crianças e tornar a aprendizagem dos conteúdos mais atraentes” (P₁₀).

Assim, Bezerra (2006, p.1), Puga e Silva (2008, p.3) apontam alguns dos objetivos no espaço brinquedoteca:

[...] proporcionar um espaço lúdico, valorizando o ato de brincar de forma espontânea; resgatar o espaço e o tempo de brincar; possibilitar o acesso a brinquedos; orientar sobre a adequação e utilização dos brinquedos; desenvolver hábitos de responsabilidade; resgatar brincadeiras, incentivando sua valorização como atividade geradora de desenvolvimento intelectual, emocional e social; propiciar a construção de conhecimentos; estimular o desenvolvimento da concentração e atenção; oportunizar a expansão de habilidades e potencialidades; desenvolver a criatividade, a sociabilidade e a sensibilidade; incentivar a autonomia e o sentimento de auto-estima; repassar aos professores e às famílias informações sobre conhecimentos a respeito da importância do brincar e sobre o desenvolvimento do aluno na brinquedoteca.

A questão seis consiste em responderem como implantar uma metodologia lúdica na sala de aula. A resposta que mais chamou atenção pelas poucas palavras e expressividade direta foi a P₁₀, que afirmou “simples: precisa de conhecimentos, planejamento e disposição”. Realmente, estes três pontos elencados pela professora são suficientes para adotar uma metodologia lúdica na sala de aula. Conhecimento porque é primordial ter o conhecimento para poder realizar um planejamento que adotem estratégias que atraiam a curiosidade e o interesse da criança e para isso, deve-se ter muita disposição, pois não adianta conduzir os

alunos para um brinquedoteca e o docente ficar na sala corrigindo atividades, planejando a atividade do dia seguinte, aproveitando o tempo ‘livre’ para realizar suas tarefas docentes; pelo contrário, a professora deve sempre estar presente, seja na brinquedoteca ou em qualquer lugar da escola em que idealize uma atividade extra-classe, pois a orientação do professor, bem como sua participação são fundamentais tanto para a relação professor x aluno, quanto para ajudar no desenvolvimento da criança nos momentos propostos.

A P₇ também respondeu na mesma linha de pensamento, quando afirma que “para implantar o lúdico, é necessário que o professor tenha conhecimento sobre a fundamentação do mesmo e esteja preparado para realiza-lo, pois requer esforço, vontade de estar em contínuo aprendizado e renovação”.

A última questão da entrevista, argumentava se havia alguma diferença na aprendizagem que se valeu de elementos lúdicos para aquelas que usaram apenas o cognitivo. Todas as entrevistadas responderam de forma positiva e enfatizaram sempre que a razão da diferença se dá pela presença do lúdico aliado à brincadeira, ao prazer, tão apreciada por todos nós, principalmente pelas crianças. De acordo com a P₈, “Sim, pois com o lúdico, torna-se mais fácil a aprendizagem do que apenas a forma cognitiva, facilitando na aprendizagem da criança”.

Sabemos que são muitas as causas de dificuldade de aprendizagem. Desde a falta de estimulação adequada, métodos de ensino ultrapassados, problemas emocionais, falta de maturidade e dislexia por parte da criança, tudo causa grandes problemas, já que, segundo Coelho (2002, p.11), “a aprendizagem é o resultado da estimulação do ambiente sobre o individuo já maturo, diante de uma situação – problema sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência”.

Refletindo sobre as respostas das professoras na entrevista, dentro da proposta estabelecida, os resultados comprovaram que as professoras são conscientes sobre o verdadeiro significado da brinquedoteca no âmbito escolar, reconhecendo-a como espaço mediador de aprendizagens. No entanto, analisando as respostas, percebemos que no decorrer das perguntas, notamos que algumas professoras apresentam concepções diferentes das apresentadas por teóricos que tratam do tema, como também do nosso entendimento.

Assim, ficou sugerido a gestora como também à coordenação pedagógica da escola, um olhar mais voltado para a brinquedoteca, com propostas que visem o trabalho com materiais da brinquedoteca, já que o ambiente por ser pequeno, não conseguindo abrigar a todos, mas como a escola possui um pátio amplo, que as professoras planejem atividades com os conteúdos vistos, não somente quando algum aluno estiver com dificuldades de

aprendizagem, como também para servir de revisão de conteúdo, treino, como um exercício de fixação, retirando a ideia de que isso só deve ser realizado entre papel e lápis, cansando ainda mais aqueles alunos que pouco se interessam com o saber.

Foi proposto também um profissional para este ambiente, que auxiliasse o docente no momento das atividades, a fim de promover possibilidades de estabelecer e propiciar aprendizagens diferenciadas através do brincar, tendo este como aliado no trabalho escolar para desenvolver as habilidades e capacidades dos educandos.

É necessário que o professor se esforce, busque meios com conhecimentos diversos para promover a construção de novos saberes e o rompimento de barreiras que ainda existem entre a educação e a ludicidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras realizadas durante a elaboração deste trabalho serviram de base e enriqueceram os conhecimentos, comprovando a importância do lúdico para a aprendizagem, trazendo aspectos relevantes para o crescimento e desenvolvimento da criança.

Através deste, verificamos as contribuições do lúdico e da brinquedoteca para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças em diversos contextos, defendemos a ideia de que a criança aprende e se desenvolve brincando.

Por fim, de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a brincadeira deve ser frequente no dia a dia das salas de aula, deixando de ser utilizada apenas nos momentos de intervalos das atividades diárias ou como passatempo aguardando o término da aula. Faz-se necessário, portanto, saber planejar as atividades lúdicas em sala de aula ou na brinquedoteca, a fim de que estes momentos despertem para novas descobertas e com essas descobertas venham o conhecimento e a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. **Formação reflexiva de professores** – estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora, 1996
- ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1995.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino**. In: Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 96, p. 71-78, fev., 1996.
- ALVAREZ, Manuel Alvarez, (org.). **O projeto educativo da escola**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ANDRE, M. E. D. O projeto pedagógico como suporte para novas formas de avaliação. IN. Amélia Domingues de Castro e Anna Maria Pessoa de Carvalho (ONGs). **Ensinar a ensinar**. São Paulo, 2001.
- ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ARAÚJO, V. C. **O jogo no contexto da educação psicomotora**. São Paulo: Cortez, 1992.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil – 1988**. Senado Federal. Brasília. DF, 2010.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. Brasília: MEC, 1996.
- _____. **Declaração Universal dos direitos das crianças**, 1959. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm> Acesso em 15 mai. 2015.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC\SEF, 1998.
- BERNART, A.; ZANARDO, V.P.S. **Educação nutricional para crianças em escolas públicas de Erechim/RS**. Revista Eletrônica de Extensão da URI. v.7, n.13, p.71-79, 2011.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Formação do educador: dever do Estado, tarefa da Universidade**. São Paulo: UNESP, 1999.
- BRUSCHINI, Maria Cristina. **Trabalho das mulheres no Brasil**. São Paulo: FCC/DPE, 1998.
- CORSINO, P (org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas: Autores Associados, 2009. (coleção educação contemporânea).
- CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gladis Elise P.da Silva. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, P.; CAMPOS, M. O. Leitura da palavra... Leitura do mundo. **O Correio da UNESCO** Vol. 19, n. 2. Rio de Janeiro. 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997b.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. **O estágio supervisionado como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios**. Campinas: Papirus, 1996.

GONÇALVES, F. D. *et al.* **A promoção da saúde na educação infantil**. Interface - Comunic. Saúde, Educ., v.12, n.24, p.181-192, 2008.

GONZAGA, Rúbia Renata das Neves. **A importância da formação lúdica para professores de educação infantil**. Revista Maringá Ensina, Maringá, nº 10, p. 36- 39, fev./abr. 2009.

HAETINGER, Max Gunther. **O universo criativo da criança: na educação**. Brasil: Instituto criar, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

HONORA M. & FRIZANCO M. L., **Esclarecendo as deficiências: Aspectos teóricos e práticos para contribuir com uma sociedade inclusiva**. Ciranda Cultural, 2008.

HORN, Maria das Graças Souza. Montaber: **O Cotidiano de uma Creche**. Revista do Professor. Rio Pardo: ano 14, 1998.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 2. ed. Tradução João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1990. 236p

JANUARIO, G. **O Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor**. In: Seminário de História e Investigações de/em aulas de Matemática, 2, 2008, Campinas. Anais: II SHIAM. Campinas: GdS/FE-Unicamp, 2008. v. único. p. 1-8.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

KISHIMOTO, Tadimitsu. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

LIBERATI, Wilson Donizeti. **O Estatuto da Criança e do Adolescente, comentários**. Coleção Estudos Jurídico-Sociais, IBPS, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004

MACHADO, Maria Lucia de A. **A Formação dos profissionais docentes e não docentes da Educação Infantil. In: Educação Infantil: construindo o presente.** Campo Grande: UFMS, 2002.

MELLO, Alexandre M. **Psicomotricidade, Educação Física e Jogos Infantis.** São Paulo, SP. IBRASA, 1989.

MENDONÇA, E. F. **A regra e o jogo: democracia e patrimonialismo na educação brasileira.** Campinas: FE/UNICAMP. 2000

MENEGAZZO, M.; *et al.* **Avaliação qualitativa das preparações do cardápio de centros de educação infantil.** Campinas: Rev. Nutr. 2011; 24(2): 243-251.

MOOS, P. **Reconstruindo a infância: crianças, instituições e profissionais.** In: MACHADO, M. L. A. (Org.). **Encontros e Desencontros em Educação Infantil.** São Paulo: Cortez, 2002.

MORATORI, Patrick Barbosa. **Por Que Utilizar Jogos Educativos no Processo de Ensino Aprendizagem?** UFRJ. Rio de Janeiro, 2003.

MORETTO, Vasco Pedro. **Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competências.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NEVES, Lisandra Olinda Roberto. **O lúdico nas interfaces das... relações educativas.** Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/ludicoint.htm> – acesso em 28 mai.2012

NÓVOA, A. **Professor se forma na escola.** Revista Nova Escola, São Paulo, n.142, maio 2001.

OLIVEIRA, B. Vera. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Petrópolis, RJ: 2ª edição, Editora Vozes 2000.

OLIVEIRA, Dália Andrade. **Gestão Democrática da Educação: Desafios Contemporâneos.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

PASSERINI, Gislaine Alexandre. **O estágio supervisionado na formação inicial de professores de matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em matemática da UEL.** 121f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2007.

PEDROZA, R. L. S. **Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar.** Rev. Dep. Psicol. UFF, Niterói, v. 17, n. 2, 2005.

PEREIRA, A.C. S; AMBRÓZIO, C.R; SANTOS, C.N; BORSATO, F.; RIECHI, T.I.J. **Família e dificuldades de aprendizagem, uma reflexão sobre a relação pais e filhos.** Universidade Federal do Paraná (UFPR): PROEC. Paraná, 2005.

PERRENOUD, Phillipe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar.** Porto: Editora Porto, 1995.

PERUCCHI, Valmira. **A importância da biblioteca nas escolas públicas municipais de Criciúma - Santa Catarina.** Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 4, n. 4, 1999.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1975

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** São Paulo, 2004.

PRÁ, Fernanda Dal. **A importância do espaço/ambiente na educação infantil.** 2011. 35 f. Trabalho de conclusão (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2011.

REIS, Maria Cândida Delgado. **Tessitura de destino: mulheres e educação.** São Paulo, EDUC,1993.

SANTOS, G. C. **Manual de Organização de Referências e Citações Bibliográficas para Documentos Impressos e Eletrônicos.** Campinas: Autores Associados/UNICAMP, 2000. 92p.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

SEESP/ SEED/ MEC. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: A Escola Comum Inclusiva, Fascículo I,** Brasília, 2010.

SILVA, Nivaldo P. da *et al.* **Segmentação de mercado turístico: a importância do lazer e recreação no turismo.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO. Ponta Grossa, 2008. Anais. Ponta Grossa, 2008

SOUZA, Eliana Carla Gomes; *et al.* **O papel da escola na formação do bom hábito alimentar.** Nutrição Brasil, Rio de Janeiro, 6(2), março/abril, 2007.

TEIXEIRA, Sirlândia. **Jogos, Brinquedos, Brincadeiras e Brinquedoteca: Implicações no Processo de Aprendizagem e Desenvolvimento.** RJ: Wak , 2010.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. **O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos.** 2004.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa.** 41ª Ed. São Paulo; Gente, 1996, 240p.

TURANO, Wilma. ALMEIDA, Célia Cunha Cordeiro de. **Educação Nutricional.** In: GOUVEIA, Emília L. Cruz (Org.). **Nutrição, saúde e comunidade.** Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

VALENTE, José A. **Diferentes usos do computador na educação.** In: **Diferentes usos do computador na educação.** O uso inteligente do computador na educação. Palestra realizada em Belo Horizonte em 28 jan. 1998.

VASCONCELLOS, Celso dos S: **Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. 7º Ed. São Paulo, 2000.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, I.P.A. (Organizadores) **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 15 ed. Campinas: Papirus Editora, 2002. Cap.1, p.11-33.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1984.